

# Os viajantes italianos na América Latina durante o período fascista: entre curiosidade e ideologia

*The italians travelers in Latin America during the fascist period: between curiosity and ideology*

**Angelo Trento\***

*Artigo recebido e aprovado em outubro de 2008*

## Resumo:

O artigo discorre sobre a visão da América Latina construída pelos italianos durante a época fascista, destacando-se a literatura de viagem na qual se encontram desde relatos pessoais até artigos publicados na imprensa especializada ou não. Visão esta permeada de pré-conceitos na descrição e na análise comparativa e tipológica das paisagens naturais e urbanas e dos habitantes destas terras além-oceano e onde não faltavam as ilações sobre a positividade da contribuição da cultura e do cidadão italiano na produção destas paisagens e dos aspectos sociais, culturais e políticos e econômicos do subcontinente americano. Enfatiza, também, o crescente interesse político e econômico italiano na região, principalmente pós-1930, lido pelo filtro ideológico do fascismo e no qual ressalta-se a italianidade presente e difundida pelos imigrantes além-oceano e, mesmo, a necessidade da construção de um pan-latinismo – em contraposição ao pan-americanismo – a ser liderado por Roma.

## Palavras-chave:

Fascismo; viajantes italianos; literatura de viagem; pan-latinismo

\* Professor de História da América Latina no Istituto Orientale de Nápoles, uma das mais antigas faculdades públicas de Ciências Políticas e Línguas da Itália, para a formação dos diplomatas italianos. Entre as suas obras principais: *Do outro lado do Atlântico: um século de imigração italiana no Brasil*. São Paulo: Nobel e ICIB, 1989; *Os italianos no Brasil*. São Paulo: Prêmio, 2000; “Dovunque è un italiano, là è il tricolore”: la penetrazione del fascismo tra gli immigrati in Brasile”, In: SCARZANELLA, Eugenia (org). *Fascisti in Sud America*. Firenze: Le Lettere, 2005; e *Castro e Cuba dalla Rivoluzione a oggi*. Firenze: Giunti, 1998.

**Abstract:**

The article discusses the vision of Latin America built by the Italians during the fascist era, especially the literature of travel in which they are provided reports to personal articles published in the specialized press or not. This vision permeated pre-concepts in the description and comparative analysis and types of natural and urban landscapes and inhabitants of these lands across the ocean and not missing the lessons on the positive contribution of culture and Italian citizen in the production of these landscapes and the social, cultural and political and economic sub-continent American. Emphasizes, too, the growing interest in Italian political and economic region, mainly post-1930, read by ideological filter of fascism and in which emerges is to present and broadcast by Italian immigrants across the ocean and even the necessity of building a pan-Latino - as opposed to pan-Americanism - to be led by Rome

**Keywords:**

Fascism; Italian travelers; travel literature; pan-Latinism

Nos vinte anos, entre as duas guerras, registrou-se na Itália um interesse pela América Latina que de certa forma foi novidade. Não que o subcontinente não tivesse atraído a curiosidade na época liberal, mas esta atenção se ampliou, senão mesmo se desperdiçou, por volta dos anos Oitenta do século XIX em consequência da dimensão de massa que os fluxos migratórios assumiram. Tal atenção era voltada em grande escala (ainda que não com exclusividade) aos temas ligados, exatamente, à presença italiana além do oceano. Este interesse, obviamente, não diminuiu durante o fascismo e, por outro lado, um posicionamento do tipo teria sido incoerente com as linhas políticas e ideológicas do regime. Todavia junto às problemáticas da italianidade e da exaltação da contribuição, que os nossos compatriotas tinham dado e continuavam a dar à modernização e ao crescimento da América Latina, como um todo e para cada Estado (com particular e motivada ênfase para países com maior número de italianos), emergiram outros filões descritivos e interpretativos, como testemunhava, entre outras coisas, a suspensão da atividade do Centro de Estudos Americanos nos últimos anos da década de Trinta.

Muitas das temáticas em questão foram abordadas também pela literatura de viagem, que floresceu vigorosa e mostrou-se sólida, aproveitando-se tanto de nomes relevantes quanto de autores iniciantes e que se valeu muito mais, se comparada ao passado, da categoria dos jornalistas, que percorreram com certa frequência, as Américas

por conta própria ou enviados por seus jornais, sozinhos ou em grupo<sup>1</sup>. Esta última situação só ocorria por ocasião de empreendimentos de um certo relevo, mesmo do ponto de vista publicitário, que a imprensa italiana não poderia deixar de colocar em evidência como, por exemplo, o cruzeiro do navio Itália em 1924 capitaneado por Giovanni Giuriati<sup>2</sup> e a primeira travessia atlântica de uma esquadilha de hidroaviões que, partindo de Orbetello na segunda quinzena de dezembro de 1930, comandada pelo então ministro da Aeronáutica Italo Balbo, após algumas escalas na Europa e África, tocou as costas brasileiras nas proximidades de Natal em 6 de janeiro de 1931<sup>3</sup>.

<sup>1</sup> Reportar em notas toda a produção dos viajantes e jornalistas da época sobre a América Latina seria uma tarefa extenuante e, considerando-se os prós e os contras, de interesse dúbio. Envio, portanto, asuenas notas sucessivas para as monografias e os artigos que considero mais interessantes para a temática que me disponho a abordar, limitando-me aqui, a destacar alguns volumes curiosos, que não terei mais oportunidade de citar: LUALDI, Adriano. *Viaggio musicale nel Sud América*. Milão: Mondadori, 1934 e GHIGLIONE, Piero. *Dalle Ande all'Himalaya*. Turim: Montes, 1936. E este narra algumas expedições de um grupo composto por quatro alpinistas e cinco universitários do GUF de Turim, com escaladas de picos latino-americanos e asiáticos, expedições que suscitaram, segundo os próprios protagonistas, grande entusiasmo junto à comunidade imigrada, para a Argentina e Chile descritas como já conquistadas pelo fascismo. Não faltavam, então, trabalhos que objetivavam atrair leitores estimulando o exotismo e a aventura, como os de ZAPPA, Paolo. *I cercatori di diamanti*. Milão: Corbaccio, 1933 e de JANSEN, Pietro Gerardo. *Vite avventurose*. Milão: Marangoni, 1935.; sobre os exploradores de ouro na Colômbia.

<sup>2</sup> Sobre esta expedição cfr. a narração feita pelo próprio GIURIATI. *La Crociera Italiana nell'America Latina*. Relazione di S. E. Giovanni Giuriati dinanzi a S. M. il Re. Roma: Istituto Coloniale, 1925 e as narrativas dos jornalistas: MISEROCCHI, Manlio. *L'America Latina attraverso il mio oblò*. Pistoia: Grazzini, 1925; CARRARA, Enrico. *Ventotto porti dell'America Latina tra Atlantico e Pacifico con la Regia Nave Italia*. Turim: Giani, 1925. BELLI, Piero. *Al di là dei mari...*, Florença: Vallecchi, 1925. ROCCA, Enrico. *Avventura sudamericana*. Milão: Alpes, 1926, e alguns artigos publicados em periódicos, ainda que breves ou brevíssimos como os de CASTAGNA, Ugo M. La grande fiera campionaria navigante nell'America Latina: *Le Vie d'Italia e dell'America Latina* (de agora em diante *VLAL*) 3, mar/1924, pp. 383-389 e de DE' PASSERA, Gino. La crociera nell'America Latina. *Lidel* 5, 1924, p. 38, além dos muitos artigos publicados em jornais diários. Quanto à historiografia moderna, cfr. Sartorio 1924. *Crociera della Regia Nave "Italia" nell'America Latina*. Roma: Istituto Italo-Latino Americano 1999 e VERNASSA, Maurizio. Una crociera di propaganda. *Politica Internazionale*. 1-2, 1999, pp. 213-221.

<sup>3</sup> Cfr. a narrativa de BALBO, Italo. *Stormi in volo sull'oceano*. Milão: Mondadori, 1931 (e para a demonstração do impacto da empreitada traduzido em português, no ano seguinte, sob o título: *Legiões aladas sobre o mar*. Rio de Janeiro: Oficinas Graphics do Jornal do Brasil, 1932) e outros livros da mesma época: NOSARI, Adone (jornalista que seguiu a travessia a bordo de um navio com outros colegas da imprensa escrita, entre eles Quilici, Interlenghi, Intaglietta, Freddi, Masai e Lino Balbo), *Ali e vele sull'Atlantico*. Milão: Cecchina, 1931. BONIFÁCIO, Gaetano. *Ali vittoriose* (La Crociera Aerea Transatlantica dello Stormo di Italo Balbo). Livorno: Tip. Giusti, 1931. Albesi Renato Costa. *La crociera aerea di Italo Balbo*. Roma: Signorile, 1931. Emilio Settimelli. *La crociera di Balbo: esempi, incitamenti*. Florença: Tip. Giannini e Giovannelli, 1931. Também as revistas, além naturalmente dos jornais, ocuparam-se com insistência da travessia e a título de

Foi justamente observado que “a literatura de viagem é um segmento da produção literária que foge às definições muito precisas. É uma espécie de arquipélago de escrituras cujas ilhas apresentam cada uma, formas e dimensões diversas”<sup>4</sup>. Seguramente, esta literatura, pela sua variabilidade de conteúdo e de exposição, assume grande valor testemunhal, ainda que nem sempre documental já que – e esta característica torna-se evidente nas publicações que examinamos – ela não está isenta de colocações preconceituosas, da desvalorização do “outro” e do “diferente”, e a favor de uma orgulhosa afirmação da própria identidade (no caso a italianidade), cedendo continuamente à tentação da comparação entre a realidade que se está observando e a realidade da sociedade de pertencimento de quem observa. Apesar deste relativismo cultural, no período entre as duas guerras se observa como praxe comum (não necessariamente bem sucedida - mas isto é outro assunto) dos viajantes italianos na América latina um desejo de conhecimento - e de transmissão de conhecimento - de tudo o que se abre diante dos olhos do observador, cuja capacidade (ou possibilidade) de percebê-lo é inversamente proporcional à solidez das suas convicções político-ideológicas.

Sob esta ótica, nos vinte anos entre as guerras, encontramos, junto a uma literatura científica e com um caráter mais oficial<sup>5</sup>, uma quantidade de publicações que, com linguagem acessível, estilo cativante e maiores pretensões de conquistar a atenção do leitor, se propunham a ilustrar a realidade, as condições econômicas, as riquezas naturais, os usos e costumes da América Latina e a descrever as suas

---

exemplificação, bastará lembrar aqui ROSSINI, A. C. *La crociera aerea transatlantica Italia-Brasile*, *VLAL*, 2, fev/1931, pp. 209-218. Para uma perspectiva sucessiva, cfr. RAMPPELLI, Ugo. *Crociera atlantica Italia-Brasile (1930-1931)*. Consequenze e sviluppi. Modena: S.T.E.M.-Mucchi, 1981; e para um panorama mais amplo sobre as expedições aviatórias italianas do período, CUPINI, Ranieri. *Cieli e mari. Le grandi crociere degli idrovolanti italiani (1925-1933)*, Milão: Mursia, 1973.

<sup>4</sup> GUADAGNINI, Elvio. Estudar a literatura de viagem (e os guias) hoje. In: CAPRARA, Loredana de Stauber. MORDENTE, Olga Alejandra. (orgs.). *Brasil e Itália: viajando entre duas culturas. Estereótipos, mitos e realidade*. São Paulo: Lemos, 2000. p. 15.

<sup>5</sup> Entre as várias contribuições, de maior ou menor peso, destacam-se os volumes de MORINI, Armando. *Venezuela. Condizioni fisiche ed economiche. Cenni storici e culturali*. Roma: Treves, s.d. DE AGOSTINI, Alberto M. *I miei viaggi nella Terra del Fuoco*. Turim: Paravia, 1928. (é também um diário de viagem que descreve as suas expedições no extremo meridional do continente). MORI, Mario. *Uruguay. Condizioni naturali ed economiche*. Milão: Treves, 1928. MALESANI, Enrico. *Brasile: Condizioni economiche e naturali*. Roma: Mantegazza, 1929. BERTACCHI, Cosimo. *America in generale ed America andina*. Milão: Vallardi, 1932. DE MAGISTRIS, Luigi Filippo. *America meridionale*. Milão: Touring Club Italiano, 1934. RICCARDI, Riccardo. *L’America meridionale*. Turim: Utet, 1938. (7º volume da *Geografia universale*). IMPERATORI, Ugo E. *Nell’America Latina*. Roma: Dante Alighieri, 1940.

paisagens e os seus encantos. Apesar de Gino Doria estigmatizar, em seu primeiro livro de história da América latina escrito na Itália, as “desastrosas impressões de viagem”<sup>6</sup>, tal produção conseguiu fornecer uma idéia não excessivamente distorcida do local, ocasionalmente, também enumerando preciosas passagens de autores, como os de Massimo Bontempelli que descreviam as sensações que lhe despertaram a Argentina, o Brasil e o Chile<sup>7</sup>.

Como testemunho do interesse pelo subcontinente houve o lançamento, em janeiro de 1924, de uma revista mensal do Touring Clube Italiano dedicada exclusivamente a região e intitulada exatamente “*Le Vie d'Italia e dell'America Latina*” (Os caminhos da Itália e da América Latina: VIAL). Para melhor sustentar o projeto, foram criados, na península e além-oceano, comitês que pudessem reunir assuntos que tivessem relações com o subcontinente<sup>8</sup>. O Touring, nascido no final de 1894 para incrementar o incipiente turismo, mas também para reforçar o sentido de pertencimento e de identidade nacional através da descoberta da Itália, tinha, à época, quase 300.000 sócios pertencentes em sua maioria à classe média, mas também à pequena burguesia e até às faixas mais altas do proletariado. Um dos objetivos declarados da publicação – cujos artigos referiam-se cerca de 40% à Itália e 60% à América Latina – era aquele de “unir espiritualmente os irmãos das duas margens do oceano”<sup>9</sup>, de criar uma ponte entre os dois continentes<sup>10</sup> e de aproximar as duas áreas também turisticamente. Para este objetivo, a publicação assumia o dever de fornecer uma descrição e uma interpretação não episódica não somente da realidade italiana, mas também da latino-americana, destacando o “progresso econômi-

<sup>6</sup> DORIA, Gino. *Storia dell'America Latina*. Milão: Hoepli, 1937. p. XII. Este volume recolheu, substancialmente, alguns artigos redigidos para a *Treccani*, atendo-se em particular à Argentina e ao Brasil. As temáticas históricas do subcontinente foram, na verdade, propositalmente negligenciadas pelo jornalismo italiano do período, que possuiu pouquíssimos títulos neste ramo, entre os quais CORSELLI, Rodolfo. *La guerra americana della Triplice Alleanza*. Modena: R. Accademia di Fanteria e Cavalleria, 1938. e PIERI, Piero. *L'America Latina tra il 1900 e il 1930*. Nápoles: Tipomeccanica, 1934. Na realidade, um panorama mais de atualidades do que de caráter histórico.

<sup>7</sup> BONTEMPELLI, Massimo. *Pezzi di mondo*. Milão: Panorama, 1935.

<sup>8</sup> Cfr. a evocação que fez BOGNETTI, Giorgio. *Agli amici lettori dell'America Latina*. *VIAL* 12, dez/1932, pp. 1233-1234.

<sup>9</sup> BERTARELLI, Luigi Vittorio. *Per l'espansione del Touring Club Italiano in America Latina*. *VIAL* 1, jan/1924, p. 3. O presidente do Touring referia-se especificamente aos imigrantes, aos quais, como anunciava uma propaganda que aparecia, frequentemente nas páginas da revista, a publicação deveria levar “um sopro de italianidade”.

<sup>10</sup> Uma outra propaganda convidava os leitores a procurar novos sócios, para o Touring e novos assinantes para a revista. Assim eles cumpririam “o mais prático e profícuo gesto para determinar a verdadeira integração entre os povos latinos, que vivem de cá e de lá, do Atlântico”.

co e cultural e [...] as imensas riquezas [...] A América Latina parece ser amplamente explorada, das cidades mais europeizadas aos centros mais remotos, chegando até aos sítios arqueológicos que reinvoavam as antigas civilizações pré-colombianas”<sup>11</sup>.

Os conteúdos dos artigos eram múltiplos, ou melhor, a característica precípua era a de manter uma “grande variedade das temáticas, mesmo que algumas fossem privilegiadas: a descrição de cidades, as biografias de italianos ilustres, emigrados para a América Latina e dos descobridores do Novo Mundo, as análises gerais sobre um determinado país ou área geográfica ocuparam sempre uma parte importante senão preponderante da revista, que se dedicou também à zoologia, botânica, transportes, empresas italianas no exterior, comércio, missões religiosas e folclore. Todos os artigos eram diligentemente acompanhados por ilustrações (pelo menos uma por página), na maioria fotografias”<sup>12</sup>. Dirigia-se a um público composto por italianos residentes na pátria e também aos imigrantes e seus descendentes, “numa ação global que se insere muito bem na política fascista de difusão da cultura italiana, nos países cujas comunidades dos imigrantes são particularmente importantes”<sup>13</sup>. A revista encerrou as publicações em dezembro de 1932, substituída primeiramente pela “*Le Vie d'Italia e del Mondo*” (Os Caminhos da Itália e do Mundo) e a partir de 1937, por “*Le Vie del Mondo*” (Os Caminhos do Mundo), nestas a América latina continuou a ter espaço, ainda que menor.

Uma das preocupações que ligava o grupo de viajantes italianos daquele período aos autores dos artigos publicados pela revista mensal do Touring era, como já citado, aquela de eliminar uma série de lugares comuns que circulavam sobre o local. Ainda que muitos acabassem por se convencer de que a breve estadia nas terras americanas servisse para apagar uma boa quantidade de imagens falsas sobre o subcontinente, esta literatura continuava recheada de erros lingüísticos e palavras distorcidas relacionadas às denominações de localidades ge-

<sup>11</sup> ETZO, Carla. *L'emigrazione italiana in America Latina in una rivista del Touring Club Italiano: Le Vie d'Italia e dell'America Latina (1924-1932)*. Nápolis: 2001-2002. Monografia. Faculdade de Línguas e Literaturas, Università di Napoli “L'Orientale”. p. 64. Esta tese representa uma bem sucedida tentativa de ilustrar muitas das características da revista.

<sup>12</sup> VANGELISTA, Chiara. *La terra inenarrabile*. Impressioni e immagini della foresta latinoamericana in una rivista del Touring (1924-1932), “Movimento Operaio e Socialista” 2, 1986, p. 258. Para a descrição das realidades do subcontinente confiava-se não só nos viajantes, mas também nos residentes. De fato, uma ulterior propaganda anunciava que “todos os leitores da «América Latina» podem colaborar com esta Revista enviando fotografias, notícias e artigos que se refiram às paisagens, costumes, indústrias características locais, além das diversas atividades dos Italianos ali residentes, suas vidas, suas associações culturais, de subsídio, etc.”.

<sup>13</sup> VANGELISTA, Chiara, *op. cit.*, p. 258.

ográficas (mais freqüentes no idioma português), como também, não episodicamente, faltava objetividade e se propunha uma estereotipização injustificável, se consideradas as premissas. Assim, as áreas platinas eram freqüentemente liquidadas com uma referência à imensidão do pampa e à monotonia que despertava esta extensão plana e sempre igual, enquanto era raro que faltassem referências à indomabilidade, nomadismo, coragem e generosidade do *gaucho*, de quem inevitavelmente se destacavam o amor pela música e pelo canto<sup>14</sup>, recordando que a ele podia-se “aplicar as palavras de Victor Hugo sobre o nômade do deserto do Oriente: ‘Não podia combater a pé. Forma um só ser com o seu cavalo. Vive a cavalo, compra e vende a cavalo; bebe, come, dorme e sonha a cavalo’ ”<sup>15</sup>. Muito mais ao norte, o México dos anos 20 era freqüentemente descrito como uma área onde a segurança pessoal era problemática, como uma região onde se encontra por toda a parte com tropas prontas a carregar fuzis (e descarregá-los sobre os outros), como a terra “mais ensangüentada do mundo”, refém do governo “bolchevizante”<sup>16</sup> (provavelmente por causa da política agrária). Raríssimas eram as posições de quem relativizava o problema da violência e procurava reconduzir as problemáticas daquela “trágica e grandiosa terra da América” à sua dimensão histórica, afirmando que tais fenômenos “que atraem rios de atenção do exterior [...] não devem ser observados e julgados como fato de crônica mais ou menos sanguinário, mas devem ser considerados processos de acomodação interna, de um país que na época de Porfírio Díaz, vivia no estado feudal e ainda tinha a servidão da gleba”<sup>17</sup>, apesar de que o autor também

<sup>14</sup> Cfr. a propósito, o volume muito romantizado de PAVONI, Giacomo. “Pampero” (*Vento delle “pampas”*), Roma: Tiber, 1930, e também FRACCAROLI, Arnaldo. *Pampa d’Argentina*. Milão: Treves, 1931.

<sup>15</sup> BARTOLOTTI, Domenico. *Il Brasile meridionale*. Roma: Stock, 1936, pp. 398-399. Que os gaúchos fossem “talvez nascidos sobre o cavalo e talvez sobre o cavalo morrerão” era confirmado por TIRAFERRI, Emidio. *Riflessi di civiltà romana in Argentina*. Milão: Corbaccio, 1939, p. 98, num modesto livro de memórias escrito por um descendente de italianos, que havia combatido na Itália, durante a Grande Guerra.

<sup>16</sup> BELLI, Piero, *op. cit.*, pp. 283 e 290. Sobre a onipresença dos soldados insistiam muitíssimos observadores.

<sup>17</sup> APPELIUS, Mario. *L’aquila di Chapultepec*. Viaggio al Messico. Milão: Alpes, 1930, pp. 9 e 23. Mais adiante, para reforçar a complexidade do fenômeno e o seu apresentar-se como processo em curso afirmava, que “o grande fermento mexicano é considerado a anárquica inquietude de um povo impulsivo e sem compostura, que perpetuamente ferve como mina de enxofre, mas ao olhar mais de perto o tormento do México, vê-se claramente um gigantesco esforço de formação” (*ibidem*, p. 35). Arnaldo Cipolla também – mesmo mostrando-se de acordo com o parecer de seu interlocutor que considerava que um mexicano que não morria fuzilado estivesse “fora do seu tempo” – problematizava este “país cheio de contrastes, espantoso e exultante ao mesmo tempo, romântico e absurdo, impossível de se definir, árduo de se julgar” (CIPOLLA, Arnaldo.

mostrasse, no fim das contas, sucumbir aos estereótipos ao falar de feudalismo e servidão da gleba.

Na esfera da convencionalidade das opiniões havia também a crença difundida de que o atraso latino-americano em comparação ao bem-estar dos Estados Unidos, fosse atribuído primeiramente às diversas características e culturas dos respectivos colonizadores mais do que às classes dirigentes. Totalmente previsível era então a menção à indolência dos latino-americanos, já que “a teoria mais seguida é a de que basta trabalhar aquele pouco necessário, para comprar um pouco de carne e a «caña» (“cana”) [...] para beber no domingo”<sup>18</sup>. No âmbito da estereotipização, normalmente negativa, eram catalogadas raras menções à situação sanitária e se havia quem informasse que na Amazônia as condições não eram tão preocupantes, desde que tomadas certas precauções, outros chegavam até a falar que a sífilis no Brasil era “mais comum do que os resfriados de outono para nós”<sup>19</sup> e a quantificar em 50.000 os leprosos de Salvador, onde três quartos da população era infectada pela tuberculose e pela sífilis, tendo como única fonte não uma publicação estatística qualquer, mas a palavra de um compatriota “conhecedor do local”<sup>20</sup>. Aliás, as longas estadias, como a de Ulderico Tegani, enviado pelo Touring “para recolher informações, dados, documentos e impressões diretas e imediatas para traduzir-se em escritos e ilustrações para esta nossa publicação”<sup>21</sup> – que percorreu 60.000 km, permanecendo por oito meses na América Latina, foram raras e a brevidade da permanência no local facilitou a declinação de lugares comuns<sup>22</sup>.

Além destes incidentes de percurso, uma quota considerável dos observadores, se esforçou para refletir sobre a realidade e a sociedade do além-oceano e dispôs aos leitores não mais uma informação

---

*Montezuma contro Cristo. Viaggio nel Messico.* Milão: Alpes, 1930. pp. 59 e 6).

<sup>18</sup> FRACCAROLI, Arnaldo. *Splendori ed ombre del Paraguay.* Milão: Treves, 1932. p. 116.

<sup>19</sup> ROCCA, Enrico. *op. cit.*, p. 76.

<sup>20</sup> QUARTARA, Giorgio. *Un viaggio nel Sud America.* Milão: Bocca, 1939, p. 25. Quartara dedicou pouco depois duas páginas às cascatas do Iguazu sem jamais tê-las visto, fazendo a descrição baseada no relato de terceiros (*ibidem*, pp. 92-93).

<sup>21</sup> TEGANI, Ulderico. Ritorno dall'America. *VLAL.* 7, jul/1928, p. 750.

<sup>22</sup> A tal propósito, não faltava quem pretensiosamente (ou melhor, presunçosamente) negasse a necessidade de ampla documentação e de prolongadas estadias nas localidades que pretendiam descrever: “Eu sustento que os povos assim como as pessoas: ou se compreende logo ou não se compreende nunca. Talvez deveria expor deste modo o dilema: ou se é homem de engenho, e com a própria intuição capta logo uma pessoa e um povo, ou se é idiota... e então a consequência é pacífica” (CIARLANTINI, Franco. *Viaggio in Argentina.* Milão: Alpes, 1929. p. 3).



oitocentista de cunho naturalista<sup>23</sup>, mas um amplo leque de temáticas, apesar de encontrar muitas dificuldades ao fornecer um quadro exaustivo das localidades visitadas por causa também de uma certa fragmentação analítica<sup>24</sup>. De qualquer modo, a literatura de viagem resultou pródiga de descrições das várias áreas do subcontinente, do “reino do calor sempiterno”<sup>25</sup> dos Trópicos aos vulcões “incandescentes e enfumaçados”<sup>26</sup> do ambiente andino, dos “lagos glaciais” da Terra do Fogo à “misteriosa ilha das estátuas”<sup>27</sup> no oceano Pacífico. Não faltavam, naturalmente, a exaltação dos nossos emigrantes naquelas regiões e a valorização de suas histórias individuais e coletivas, permanecendo amplo espaço para a descrição, às vezes de modo entusiástico, das belezas naturais, das complexidades paisagísticas (rios, lagos, mares, florestas, relevos montanhosos, áreas rurais e urbanas) e da riqueza cromática da flora e fauna. Todavia parte da atenção era voltada a outros temas: economia e sociedade, artes e cultura, educação, formas de religiosidade e ainda o desenvolvimento de centros urbanos, exploração dos recursos naturais – agrícolas e minerais –, arqueologia, etnografia, antropologia, transportes e comunicações (visando a promoção do turismo, preocupação do Touring Club). Ao contrário eram muito breves as referências à evolução histórica das áreas visitadas. Os países do subcontinente eram, normalmente, descritos como ainda não egressos da fase da infância, mas para eles formulavam-se otimistas previsões de crescimento econômico e de modernização em tempos razoavelmente breves.

Quais os temas mais tratados? A travessia não ocupava grande espaço na literatura em questão, senão nas páginas da revista do Touring, e quando aparecia, a viagem de navio era descrita como um sereno passar do tempo “entre jogos e competições, concertos e luzes, saraus e bailes de máscara”<sup>28</sup>. Raramente faltavam, nestas reconstru-

<sup>23</sup> VANGELISTA, Chiara. *op. cit.*, p. 262.

<sup>24</sup> Então, não era menosprezado o peso das próprias convicções e experiências precedentes, como alguém honestamente reconheceu afirmando que, por mais que o autor repetisse para si mesmo, ter fielmente reproduzido aquilo que tinha encontrado, “se dá conta então, de ter dito, quase sempre, o que corresponde a sua sensibilidade e à experiência com a qual ele tinha iniciado a viagem”, visto que cada um trazia consigo uma bagagem de idéias, recordações e referências, em poucas palavras de “imagens que se sobrepõem às reais e que as alteram ou as modificam” (CASTIGLIONI, Arturo. *Note in margine a un viaggio in America*. Milão: Il Rotary, 1938. p. 3).

<sup>25</sup> BELLI, Piero. *op. cit.*, p. 264.

<sup>26</sup> CARRARA, Enrico. *op. cit.*, p. 76.

<sup>27</sup> APPELIUS, Mario. *Chile e Patagonia*. Milão: Mondadori, 1933, pp. 336 e 371.

<sup>28</sup> TEGANI, Ulderico. Con l’“Orazio” dall’Oceano Pacifico al Mar Tirreno. *VLAL*. 7, jul/1928, p. 807.

ções, algumas linhas ou páginas dedicadas à passagem pelo Equador, talvez em tom de divertimento goliardo, como em algumas crônicas do cruzeiro do navio Itália, onde eram reportadas cerimônias que, irreverentemente, mas amigavelmente, envolviam até o Giuriati, que depois de ensaboado e barbeado com um barbeador de madeira, foi batizado de *pisces manganellus*<sup>29</sup>. Era constante a exaltação das companhias de navegação italianas cujos navios a vapor, descritos como maravilhosos, apresentavam ambientes elegantes em todas as classes, até na terceira, enquanto o serviço aparecia sempre como impecável<sup>30</sup>. Estes relatos otimistas respondiam indubitavelmente à necessidade de promover a imagem dos nossos transportadores com “*uma intensa e inteligente propaganda através de publicações, da imprensa, do cinema, de conferências, etc.*”<sup>31</sup>, para bater a concorrência das companhias estrangeiras, mesmo já tendo alcançado resultados muito estimulantes, com altíssimos percentuais a favor das companhias italianas (sobretudo da América Meridional à Itália), sinal inconfundível do “*ótimo tratamento, já habitual, nos rápidos e elegantíssimos liners utilizados nas linhas entre as duas Américas*”<sup>32</sup>. Tudo isso servia, obviamente, para veicular uma improvável, mas unanimemente proclamada, atenuação, ou mesmo, extinção das diferenças entre as classes através da aplicação de tratamentos semelhantes<sup>33</sup>.

<sup>29</sup> ROCCA, Enrico. *op. cit.*, p. 62. Sobre a passagem do Equador, cfr. também FRANZONI, Ausonio. *Italia ed America Latina*. *VLAL* 3, mar. 1924, pp. 271-272. Muitas páginas foram dedicadas à viagem marítima num pequenino livro do sacerdote, ZAMBARELLI, Luigi. *Da Genova a S. Salvador (note di viaggio)*. Roma: Officina Tipografica Romana Buona Stampa, 1931. pp. 1-29.

<sup>30</sup> A opinião era de Giorgio Quartara, *op. cit.*, pp. 79-80, mas era repetida por vários outros, entre eles TEGANI, Ulderico. *La città navigante*. *VLAL* 5, mai/1925 e *Il primo viaggio del “Saturnia”*. *VLAL* 12, dez/1927, MANCINI, Amerigo. *Un nuovo trionfo dell’arte navale italiana. Il transatlantico “Rex”*. *VLAL* 10, out/1931 e G. F., *Un nuovo colosso della marina mercantile italiana. Il “Conte di Savoia”*, *VLAL* 1, jan. 1932. Cada navio se tornou “a terceira classe de Aragno, o palco de Quirino entre um ato e outro de uma comédia não muito moralista, o salão de baile de um elegante círculo social de província [...] e também um digno setor de pequena burguesia, um setor operário confortável”, usando as palavras de autores que gostavam de jogar com elas (Franco Ciarlantini, *op. cit.*, p. 20).

<sup>31</sup> RAVA, Luigi. *Il traffico marittimo di passeggeri dall’estero verso l’Italia nel 1927*. *VLAL* 5, mai/1928, p. 554.

<sup>32</sup> MAINERI, B. *Quanti passeggeri giungono dall’America nei porti italiani?*, *VLAL* 2, fev/1927, p. 244. Do mesmo autor e sobre o mesmo tema, cfr. *I turisti americani devono valersi di navi italiane*. *VLAL* 5, mai/1927 e *Le nostre “città galleggianti” ed i passeggeri transatlantici*. *VLAL* 2, fev/1931.

<sup>33</sup> Os navios peninsulares, de fato, “não só satisfiziam as exigências do mais intransigente passageiro da classe privilegiada, como também ofereciam todo conforto aos viajantes mais modestos das outras classes, inclusive, a que antigamente representava uma verdadeira tortura para os nossos emigrantes. Hoje, o viajante da terceira classe, nestes navios a vapor, suntuosos, tem um tratamento muito digno e confortável” (BARTOLOTTI, Domenico. *Il Brasile meridionale*, cit., p. 492).

Um outro espaço era reservado às terras da América Latina. O primeiro sentimento que tocava, ainda a bordo do navio, nas proximidades da costa (e obviamente, mais intenso depois do desembarque), era o sentimento de imensidão suscitado antes pela vastidão de alguns estuários, em particular do Rio da Prata e do Rio Amazonas. Estreitamente ligada a ela, figurava a temática das distâncias, que pareciam (e eram) igualmente gigantescas. As duas juntas quase sugeriam novas filosofias de vida a quem chegava da Europa:

As distâncias, as formidáveis distâncias, eis a pedra de toque e eis o sentido de vastidão oceânica [...] eis o sentido do tempo, alterado pelas distâncias profundas e o próprio sentido da vida modificado, para harmonizar com uma serena filosofia, poderia quase dizer, com uma disciplina de fatalismo<sup>34</sup>.

Não por acaso, o problema das vias de comunicação e dos transportes emergia continuamente: constatava-se sua insuficiência e lamentava-se o dano, que dela resultava não só à comercialização dos recursos naturais, mas também à socialização das populações das áreas periféricas e ao próprio crescimento de uma consciência nacional, destacando como a dispersão e a baixa densidade demográfica obstruíam a educação, frustrando a eventual vontade dos governos de favorecer a instrução. Fazia-se, conseqüentemente, votos de multiplicação das estradas, ferrovias e comunicações marítimas e fluviais, de incentivo aos meios de transporte não convencionais como a incipiente navegação aérea, todos fatores que também agilizariam o povoamento das áreas internas.

À floresta, tão viçosa, imponente, sugestiva de aventuras, apesar de às vezes apresentada de maneira estereotipada, concedia-se um lugar de honra nesta literatura<sup>35</sup>. E se era assim com relação às vegetações das áreas mais frias da América Meridional<sup>36</sup> e de outras latitudes de clima temperado, era a floresta pluvial que despertava as maiores emoções; o observador não podia, de fato, ficar menos do que fascinado pelo espetáculo majestoso, que se abria diante dos seus olhos, pelo verde escuro da folhagem opulenta, pela densidade inextricável das plantas, que comprimia troncos contra troncos, ramos contra ramos, e se erguia como muralha a obstruir a passagem do homem, quase o impedindo de prosseguir. E, no interior da floresta, os índios, dos quais só se lembrava de passagem os massacres sofridos no passado pelas mãos dos

<sup>34</sup> TEGANI, Ulderico. *Ritorno dall'America*, cit., p. 750.

<sup>35</sup> Para uma análise meticolosa da temática remeto a VANGELISTA, Chiara, *op. cit.*

<sup>36</sup> Cfr., a propósito, o artigo do salesiano DE AGOSTINI, Alberto M. La foresta subantártica o magellanica, *VLAL* 8, ago. 1927, pp. 893-904.

colonizadores (e após a independência, por obra das elites dirigentes locais), a destruição de culturas seculares e os fastos das civilizações pré-colombianas<sup>37</sup>, frequentemente, eram vistos pelos olhos dos missionários – geralmente italianos - que se punham no dever de evangelizá-los e não faltava quem re-percorresse a história dos assentamentos jesuítas no Paraguai dos séculos XVII e XVIII<sup>38</sup>. Das missões era inevitavelmente evidenciada a obra civilizadora e de indispensável integração dos nativos à sociedade branca (mas também de tutela deles), afastando preventivamente as críticas que poderiam avançar sobre os fins e os meios utilizados para alcançar tais objetivos:

Que a ingênua originalidade dos usos e costumes possa ser rapidamente perdida por causa da influência niveladora de uma civilização internacional é fenômeno secundário, que pode talvez, parecer deplorável do ponto de vista sentimental, mas se a confrontamos aos perigos iminentes da exploração impudente e violenta, da opressão, ou melhor, da destruição de povos inteiros, sem dúvida nos parece altamente louvável.<sup>39</sup>

Neste quadro, as missões tinham uma função “providencial”, visto que não só faziam os índios progredirem cultural e socialmente, mas direcionavam os seus braços para objetivos produtivos, de modo que as forças de trabalho tão necessárias à América Latina não fossem subtraídas do local, mesmo que dentro das restritas fronteiras das missões. Que então, para civilizá-los, se fizesse ainda necessário recorrer a “penas corporais talvez possa surpreender desagradavelmente o europeu”, mas era necessário considerar que elas não eram vistas como desonra pelos nativos, mas como “a manifestação da justiça de distribuição e de compensação”, desde que a culpa fosse objetiva<sup>40</sup>.

No interior dos ricos cenários da exuberante natureza do sub-continente e em particular daqueles florestais, certamente não podiam

<sup>37</sup> Uma das raras alusões é representada pelo fragmento que segue, absolutamente anômalo, e apesar de redigido por um viajante partidário do regime, talvez irrequieto com a linha seguida pela Igreja: “Toda esta estrutura de civilização [dos Incas] deverá ruir em breve, passar dos anos, pela obra infausta de um punhado de aventureiros malfeitores, ávidos não tanto de fama ou de glória, quanto de ouro e de domínio. A história da conquista do Peru não é mais do que uma série de enganos, traições, ferozes perseguições e vândalas destruições, perpetradas com vergonhosa hipocrisia em nome da civilidade e da religião” (MASTURZI, Giovanni. *A traverso l'America Latina, il Messico, la California e l'Oceania (Note di viaggio)*. Florença: Istituto Geografico Militare. 1933. p. 18).

<sup>38</sup> DE' PASSERA, Gino. Un governo teocratico: i gesuiti in Paraguay. *VLAL*. 8, ago. 1927. pp. 904-914.

<sup>39</sup> idem, pp. 904-914.

<sup>40</sup> HERZOG, Th. Le missioni francescane presso i Guarayos in Bolivia, *VLAL*. 6, jun. 1927, pp. 647-651.

faltar descrições, carregadas de efeito, das caçadas aos crocodilos, dos riscos corridos pela presença de bestas ferozes, da curiosidade suscitada pelas lhamas e pelas vicunhas andinas, e mais ainda, pelos papagaios multicoloridos e pelos despeitados macacos selvagens, pela voracidade das piranhas, pela irritante miríade de insetos e pernilongos<sup>41</sup>, mesmo que se ativesse, sobretudo ao que mais impressionava o imaginário do leitor italiano (e que nele despertava mais temor) vale lembrar, o mundo dos répteis na sua imensa variedade: “Os sibilos das serpentes dão um arrepio na espinha. A floresta é cheia de jibóias, de serpentes com chocalhos, cobras-coral, cobras pretas, “bobas”, cobras-caçadoras, cobras “enrugadas”, *bejuco*s, cobrinhas e cobrões de todos os tipos”<sup>42</sup>.

Um espanto ainda maior do que o provocado pela floresta era causado por algumas paisagens, que os deixavam sem fôlego, não só cenários de natureza selvagem e intocada, mas também panoramas e partes dos centros urbanos. O contínuo apelo às fotografias permitia transmitir mais facilmente ao leitor as impressões de quem escrevia, como que buscando aprovação. O espetáculo que obtinha os maiores consensos – poder-se-ia falar até de unanimidade - era oferecido pelo Rio de Janeiro e pela sua baía, que impunham comentários de sincero entusiasmo. Os viajantes italianos da época, como também aqueles que na capital brasileira fizeram parada – às vezes de um só dia - no passado, insistiam sobre o encanto do cenário no qual estava imersa a cidade e o termo mais utilizado para expressar esta primeira impressão era “deslumbrado”. Este “paraíso terrestre” (definição muito usada para descrever o Rio) incentivava o próprio ministro da Aeronáutica Italiana a deixar de lado por um momento os vôos reais da sua esquadilha de hidroaviões, para arriscar-se em divagações:

Soa a hora da amerissagem e do triunfo. Decididamente corto a rota à direita e entro, com toda a formação, no céu de ouro da grande metrópole. Céu de ouro. É a palavra. O sol, o mais belo sol do mundo, irrompe e inunda, das profundezas branco-azuladas de um império digno de Dante,

<sup>41</sup> Nem mesmo o espírito de resignação cristã dos sacerdotes os impedia de esconder o incômodo deste tipo de tormento. Eis como se exprimiu um missionário, que realizava sua obra junto aos Bororós no Brasil, descrevendo a celebração de uma missa a bordo da barca fluvial que o levava ao destino: “Não tinhas dito: *Introibo ad altare dei...*, e já sentias uma coceirinha nas pernas... Eram eles, voando baixinho, em volta da borda da veste, enfiavam-se de repente e... faziam a festa. Aproveitavam aquele tempo, bem sabendo - os pérfidos - que naquele momento podiam encruecer [...] Apenas dizias: *Ite, missa est...* e não mais os vias e não mais sentias nenhum deles” (CARLETTI, Ernesto. *Nel mistero del deserto verde*. Turim: SEI 1941, p. 14).

<sup>42</sup> APPELIUS, Mario. *Le terre che tremano* (Guatemala, Salvador, Honduras, Nicaragua, Costarica, Panama), Milão: Alpes, 1929. Neste caso tratava-se de uma floresta nicaraguense, mas descrições parecidas povoam a literatura de viagem de muitos outros países.

sobre um vasto cenário de terras e águas, que a excentricidade divina do Criador dispôs em um deslumbrante jogo de perspectivas, relevos, luzes, sombras e cores. A fantasia dos maiores naturalistas que, nos séculos de ouro, imaginaram os atracadouros irreais do Paraíso, é vencida pela realidade deste Paraíso na terra, onde estão todos os elementos da beleza. Giorgione, Carpaccio, Tiziano, o meu grande e criativo ferrarense Dosso Dossi, viram, nos seus sonhos, grandes espelhos oceânicos sobre os quais se estendem estranhas copas de árvores, montanhas avançando sobre o mar, onde se entremeciam sombra e luz, paisagens que parecem mergulhadas numa atmosfera de magia [...] Não! Isto que está abaixo de nós, é maior, é mais bonito, mais novo: talvez a natureza tenha copiado a arte. Talvez Deus, criando a baía do Rio, quisesse demonstrar que a arte descende Dele<sup>43</sup>.

Além disso, deve ser ressaltado que apesar da geral exaltação da sua moldura natural, a capital brasileira também despertava uma esporádica perplexidade; com razão, os julgamentos sobre os outros centros urbanos do subcontinente eram mais lapidados, mas às vezes contraditórios e seguramente menos uniformes do que os registrados no caso do Rio de Janeiro. O único elemento que unificava as opiniões era a constatação de que na América Latina, as cidades surgiam muito (talvez, demasiadamente) rápido e ainda mais rapidamente cresciam, dando a impressão de ritmos tumultuados e febris, de um trabalho fecundo e tenaz “voltado ao desejo da criação e da construção, permeado por sonhos de grandeza e ambição, vibrante na ardente febre da novidade”<sup>44</sup>. Tudo isso frequentemente dava a sensação de encontrar-se diante de centros urbanos sempre em construção, em fase de “elaboração”<sup>45</sup>, que tinham “todas as características do novo, surgido como que de frenética improvisação, pela necessidade de se chegar logo a fazer de toda cidade uma grande cidade”<sup>46</sup>. Esta ânsia de cresci-

<sup>43</sup> BALBO, Italo. *Stormi d'Italia sul mondo*. Verona: Mondadori, 1934. pp. 117-118. Deve ser ressaltado que se tratava de um volume pensado para as escolas médias. Deve-se, pois observar que também outros panoramas latino-americanos representavam, para um ou outro viajante, um fenômeno teogênico, juízo aplicável também a locais totalmente diferentes e bastante distantes como a Terra do Fogo. Cfr. DI MONTELENERA, Napoleone Rossi. *Dalla Terra del Fuoco alla Terra degli Incas*. Turim: Paravia, 1930, que diz sobre aquelas regiões: “Lugares encantadores, que foram muitas vezes comparados aos mais belos quadros, mas o que é um quadro diante daquela natureza, senão a imitação de uma realidade que vem até nós, através dos sentidos do homem, enquanto que esta natureza é realidade que nos vem de Deus?” (p. 10).

<sup>44</sup> BARTOLOTTI, Domenico. *Il Brasile meridionale*, cit., p. 202.

<sup>45</sup> MAGRINI, Luciano. *In Brasile*. Turim: Piero Gobetti, 1926, p. 122.

<sup>46</sup> BELLI, Piero, *op. cit.*, pp. 111-112. Este ritmo obsessivo de renovação devia necessariamente traduzir-se em desequilíbrios, também estéticos, já que, como revelado no caso de Assunção, “o antigo e o moderníssimo caminham de braços dados, negligentes com anacronismos e com ares de confronto” (FRACCAROLI, Arnaldo. *Splendori...*, cit., p. 41).

mento, vivificada pela megalomania dos povos jovens, sempre prontos a fazer comparações e a estabelecer primazias em relação à velha Europa, encontrava expressão nas grandes vastidões colocadas a disposição pela América Latina, consentindo na presença de metrópoles que, como Buenos Aires, ignoravam “a penúria de espaço”<sup>47</sup>. Era natural que neste modo de proceder incontrolável e fagocitante, acontecesse de ter escasso cuidado com o patrimônio artístico e monumental precedente e, mais frequentemente ainda, com os vestígios da civilização espanhola e portuguesa, como não deixava de ser constatado com tristeza em muitas ocasiões.

As atividades e as cenas de vida urbana eram freqüentes nesta literatura, e os viajantes frequentemente eram conquistados pelas cores, odores, sabores, musicalidade, alegria e vivacidade de alguns centros e pela beleza de suas paisagens, sobretudo no caso de cidades costeiras caribenhas<sup>48</sup> e, mais geralmente, tropicais. Outras vezes, predominava o estupor por locais que não deveriam causar estranhamento a quem vinha de uma nação rica de paisagens montanhosas. Assim, em La Paz, após descerem do trem e dados poucos passos, “foram tomados pela vertigem, porque se está na beirada de um abismo completamente descortinado sob os pés. A cidade está no precipício e o preenche com os telhados vermelhos estendendo-se sobre os declives”<sup>49</sup>.

Mesmo que se não se falasse de julgamento compartilhado, a idéia prevaemente era de que até as cidades, das quais os italianos não sabiam nem mesmo o nome, fossem “modernas, civilizadas aglomerações, com serviços públicos perfeitamente organizados e uma vida social digna de qual-

<sup>47</sup> CIARLANTINI, Franco, *op. cit.*, pp. 65-66. A capital argentina representava, por outro lado, o exemplo mais completo do modelo espacial das metrópoles da América, com “avenidas importantes [...] *calles* intermináveis”, largas artérias diagonais, “praças infinitas”, maravilhosos jardins e parques públicos e “colossais construções” (MASTURZI, Giovanni *op. cit.*, p. 73). Até na bem menor Belo Horizonte, “estradas e praças não conhecem economia de espaço” (MAGRINI, Luciano, *op. cit.*, p. 121).

<sup>48</sup> Eis como Mario Appellius descreveu o seu impacto com Havana: “Sol e sol. Um céu azul com lampejos de ouro. Um mar de cor incerta entre a safira e a esmeralda, riscado por reflexos metálicos [...] uma multidão de casarios irregulares nas quais prevalece a cor branca, o todo em pleno sol, sobrecarregado de sol, naufragado no sol”. E mais ainda: “pores-do-sol de púrpura que adornam o céu, que enfeitam o mar, que douram a cidade” (APPELLIUS, Mario. *Le isole del raggio verde* (Cuba, Giamaica, Haiti, Portorico e Piccole Antille), Milão: Alpes, 1929. pp. 18 e 39). Sobre Appellius em Cuba, cfr. TRENTO, Angelo. La Cuba di Mario Appellius: geopolítica, immigrazione italiana e fascismo, por Domenico Capolongo (org.), *Emigrazione e presenza italiana in Cuba*, vol. IV, Roccarainola, Circolo Culturale B. G. Duns Scoto 2005, pp. 141-168. Interessante, sobre Havana, o fato de alguém notar como a capital cubana já representava não só uma das rotas mais freqüentadas pelo turismo internacional, também um centro de tratamento para turistas ricos. Cfr. CASTIGLIONI, Arturo. *op. cit.*, p. 23.

<sup>49</sup> CIPOLLA, Arnaldo. *Nel Sud America*. Lungo il Cile luminoso. Turim: Paravia, 1929. p. 255.

*quer cidade européia*<sup>50</sup>. A imagem dos centros urbanos transmitida pela literatura de viagem era predominantemente positiva: *Viña del Mar* era “aristocrática [e] rica de esplêndidas mansões e luxuriantes jardins”, *Magallanes* “próspera e trabalhadora”<sup>51</sup>, *Valparaíso* “pitoresca”<sup>52</sup>, *Valdivia* “linda como uma pintura”<sup>53</sup>, *Corrientes* “vasta e rica”<sup>54</sup>, juízos que agrupavam outras importantes cidades argentinas<sup>55</sup>. Até a amazônica Manaus, em plena floresta, era apresentada como cidade “bonita, vasta e progressiva”<sup>56</sup>, quando sua decadência já havia começado por causa do declínio da borracha. Mais precisos apareciam os comentários sobre a Cidade do México (“grande capital, não muito arcaica e nem muito moderna”<sup>57</sup>), sobre Santiago, Assunção (“amável cidade do sol, das flores, das laranjas, das mulheres que fumam e dos jovens”<sup>58</sup>), sobre Caracas (“elegante e hospitaleira”<sup>59</sup>).

Contrariamente, não faltavam aqueles que pintavam quadros desoladores de alguns aglomerados urbanos. Encontramo-nos assim, diante de descrições de cenários uniformes de casebres e barracos, sobre os quais despontavam poucos edifícios, com estradas mal pavimentadas e frequentemente de chão, descuidadas e sujas que depois dos impetuosos temporais tropicais se transformavam em leitos de rio<sup>60</sup>. Quando vistas de longe, isto é, do navio que se aproximava da terra, tinha-se a sensação de um cenário apreciável em termos de funcionalidade e modernidade, mas as construções, vistas de perto,

<sup>50</sup> CARRARA, Enrico. *op. cit.*, p. 11.

<sup>51</sup> MASTURZI, Giovanni. *op. cit.*, pp. 48 e 61.

<sup>52</sup> CIPOLLA, Arnaldo. *Nel Sud America...*, cit., p. 52.

<sup>53</sup> *Ibidem*, p. 20. Naturalmente, outros davam opiniões diametralmente opostas, falando de casas de madeira de um ou dois andares, idênticas entre si e de estradas “com trechos pavimentados com troncos rudemente esquadrinhados” (BÜRGER, Otto. *Una visita a Valdivia ed Osorno. VLAL* 1, jan. 1927, p. 33).

<sup>54</sup> FRACCAROLI, Arnaldo. *Splendori...*, cit., p. 12.

<sup>55</sup> Córdoba “cidade com belas ruas” (FRESCURA, Bernardino. *Le Repubbliche del Río de la Plata: Paraguay, Uruguay, Argentina*. Milão: Treves, 1926. p.127) e Rosário “férvida de tráficos” (CIARLANTINI, Franco *op. cit.*, p. 136), ainda que alguém, condicionado pela ideologia, se afaste dos deveres descritivos, traçando este perfil negativo pelo fato de representar, enquanto centro operário, “o foco da infecção comunista” (MASTURZI, Giovanni. *op. cit.*, p. 100), esta afirmação é absolutamente distante da realidade, tendo em vista a fraqueza do partido comunista argentino nos anos 30.

<sup>56</sup> *Ibidem*, p. 139.

<sup>57</sup> APPELIUS, Mario. *L'aquila...*, cit., p. 49. Existia, todavia, quem especificasse que a capital mexicana era “bonita, mas não alegre” (CIPOLLA, Arnaldo. *Montezuma...*, cit., p. 8).

<sup>58</sup> FRACCAROLI, Arnaldo. *Splendori...*, cit., pp. 186 e 46.

<sup>59</sup> CARRARA, Enrico. *op. cit.*, p. 11.

<sup>60</sup> Este quadro era, por exemplo, traçado para quase todas as cidades colombianas (BELLI, Piero. *op. cit.*, p. 99).



desiludiam como cenários examinados dos bastidores<sup>61</sup>. Recife tinha um aspecto muito modesto, Belém era um grande burgo imundo onde a limpeza urbana estava confiada exclusivamente aos abutres<sup>62</sup>, Campinas, apesar de ter apenas setenta anos de existência, já parecia decrépita<sup>63</sup>. Sobre a vertente do Pacífico, *Antofagasta* apresentava “uma paisagem absurda, desoladora”, *Callao* era “um burgo insípido” e em *Guayaquil* reinava uma “monotonia lancinante”<sup>64</sup>. Na Argentina, *La Plata* dava uma “sensação de desolação”<sup>65</sup>. O passeio por São Paulo acabava num segundo, reduzindo-se “a seis ou oito ruas do centro comercial, nem bonitas nem feias e mais estreitas do que largas”<sup>66</sup>. Mesmo que as opiniões sobre a capital paulista não fossem tão negativas, o aspecto no qual frequentemente insistia a imprensa em questão era a sua italianidade, a sensação de encontrar-se em uma cidade italiana (como já haviam ressaltado no passado Gina Lombroso Ferrero<sup>67</sup> e muitos outros) por causa da presença de compatriotas que, na verdade, depois de ter sido realmente maciça, começou a atenuar-se a partir dos anos Vinte. Os demais centros urbanos onde a italianidade permaneceu com certa insistência, no período entre as duas guerras, estavam todos na Argentina, inclusive Buenos Aires.

De todo modo, o que nas cidades latino-americanas mais suscitava as críticas dos observadores peninsulares era o crescimento incontrolável das habitações e dos bairros populares, com seu doloroso rosário de desolação e degradação, ainda que estas situações não fossem analisadas em termos de individualização de responsabilidades políticas, administrativas e sociais. Na ausência deste instrumento interpretativo, as descrições marcavam-se somente pelos tons frequentemente indignados com os espetáculos oferecidos por estas realidades (como que para imputar o abandono a defeitos de formação), ou para confinar o fenômeno entre as notas pitorescas. Assim, a descrição dos *conventillos* de Buenos Aires, edifícios decadentes com varandas e quintais coletivos, atinha-se ao fato de que “*uma família, mesmo que numerosa,*

<sup>61</sup> QUARTARA, Giorgio, *op. cit.*, p. 25. O autor se referia especificamente à Salvador.

<sup>62</sup> ROCCA, Enrico, *op. cit.*, p. 76.

<sup>63</sup> MAGRINI, Luciano, *op. cit.*, p. 102.

<sup>64</sup> ROCCA, Enrico, *op. cit.*, pp. 224, 251 e 254.

<sup>65</sup> CIARLANTINI, Franco, *op. cit.*, p. 121.

<sup>66</sup> ROCCA, Enrico, *op. cit.*, p. 117.

<sup>67</sup> FERRERO, Gina Lombroso. *Nell'America Meridionale* (Brasile, Uruguay, Argentina). Milão: Treves, 1908. p. 34. Sobre o tema, cfr. TRENTO, Angelo. *L'immagine di São Paulo come città italiana (1890-1920)*. In: GIORCELLI, Cristina. CATTARULLA, Camilla. e SCACCHI, Anna (org.), *Città reali e immaginarie del continente americano*. Roma: Edizioni Associate, 1998. pp. 557-569.

*aluga um único cômodo mais ou menos grande (geralmente de 4 m<sup>2</sup>) e lá vive numa promiscuidade freqüentemente pouco decente, recorrendo aos mais engenbosos sistemas para economizar espaço*<sup>68</sup>. Ainda mais indignados eram os comentaristas quando deviam ilustrar os “indecentes” quarteirões populares da periferia, os primeiros aglomerados de barracos erguidos de qualquer jeito, precursores das atuais favelas e *villas miseria*, onde vigorava o “desprezo por todas as mais elementares normas do viver civil” e onde encontravam abrigo os “marginalizados pela humanidade”<sup>69</sup>.

Buenos Aires, talvez, fosse a cidade que despertava as impressões mais contrastantes e se existia quem exaltasse sua modernidade, as grandes praças, os esplêndidos parques, os teatros imponentes, os restaurantes luminosos e alegres, atribuindo-lhes “traços de grandiosidade e beleza”<sup>70</sup>, para outros era “monótona como a sua natureza” e a sua impressionante vastidão representava não uma qualidade, mas um defeito, tendo sido “alargada com o mar das suas casas até a... monstruosidade”, dando a impressão de uma “cidade megalomaniaca”<sup>71</sup>. Montevideú, ao contrário, obtinha muitos consensos e, na sua “fragrante beleza”, era catalogada como o centro urbano mais elegante da América meridional<sup>72</sup>, também porque não tinha dimensões paquidérmicas, aproximando-se do modelo de assentamento das cidades italianas.

Por outro lado, a tentação de redigir comparações, não sempre favoráveis aos latino-americanos, entre os cenários americanos e peninsulares estava sempre presente, indício de um incurável provincianismo basilar, que os induzia a traçar paralelismos (encontrando, como se verá a seguir, semelhanças claramente improváveis) com realidades mais conhecidas do leitor. Assim, os pores-do-sol e as alvoradas nos trópicos eram comparados com os que se podia admirar ao longo das costas italianas e, mesmo apreciando a beleza do fenômeno, digamos, no Rio de Janeiro, existia sempre alguém pronto a evidenciar que faltava “*algo que [o olhar estupefato] viu em Capri, Nápoles ou Sorrento: o prodígio inegável de uma harmonia que é feita de elegância*”<sup>73</sup>. Em

<sup>68</sup> FRESCURA, Bernardino, *op. cit.*, p. 95.

<sup>69</sup> FRACCAROLI, Arnaldo. *Splendori...*, cit., pp. 89 e 91. O viajante descrevia um quarteirão nos arredores de *Asunción*, onde “as casas são pocilgas, grutas escavadas na terra, casebres, refúgios inverossímeis colocados juntos e tampados com ramos secos, velhas placas enferrujadas de lojas, trancas de ferro, barro, mesas feitas de caixotes, sucatas de folhas de lata e pedaços de pneus de automóvel” (*ibidem*, p. 90).

<sup>70</sup> PAVONI, Giacomo. “*Pampero*”..., cit., p. 21. Sobre a capital argentina, cfr., entre tantos, o volume totalmente dedicado a ela por Arnaldo Fraccaroli, *Buenos Aires*, Milão, Treves 1931.

<sup>71</sup> BELLI, Piero, *op. cit.*, pp. 145-146.

<sup>72</sup> QUARTARA, Giorgio, *op. cit.*, p. 84.

<sup>73</sup> BELLI, Piero, *op. cit.*, p. 106.

particular, a capital brasileira, sua baía e seus arredores, que também tanto entusiasmo despertavam, acabavam por ser frequentemente comparados com cenários desta ou daquela localidade da Itália: panorama e vegetação evocavam - e para isto se precisava verdadeiramente de um grande esforço de fantasia - as Dolomitas e Porto Fino<sup>74</sup>, a ilha de Paquetá recordava *Procida*, o passeio por Niterói fazia voltar à memória uma excursão ao lago de Como<sup>75</sup> e, finalmente, o próprio Pão-de-Açúcar “não vale o que vale o mais proletário entre os picos do nosso *Cadore*”<sup>76</sup>.

Tratava-se, além disso, de uma postura generalizada e *Concepción* (escrita erroneamente *Conception*) representava a Pádua do Chile, mas também se parecia um pouco com *Gorizia*<sup>77</sup>, Valparaíso para alguns lembrava Gênova e a outros, Messina<sup>78</sup>, enquanto que a Cidade do México tinha um quê de cosmopolita, fazendo pensar, por extensão, em Paris, Madri, Roma e até em Burgos, mas o azul do seu céu, podia ser comparado somente “ao encantador céu da Itália”<sup>79</sup>; em Buenos Aires, os conjuntos de casas baixas com pátios evocavam “as casas pompeianas”<sup>80</sup> e sempre em termos de *Campania* (a região mais evocada nestas comparações), os *portales* de Guadalajara, “barulhentos, pitorescos, tumultuados, carregados de cor, lotados de bancas de ambulantes são como a *Riviera di Chiaia*”<sup>81</sup>, enquanto Havana parecia, aos olhos do mesmo observador, “uma Nápoles tropical com muito mais sol e muito menos história, com mais largas estradas e menos ricos museus”<sup>82</sup>.

Uma tipologia interpretativa bastante parecida se verificava nas análises do elemento humano, de quem se destacava o dinamismo, a alegria, a vitalidade e a disponibilidade. Certo, não se pode dizer que existisse complexidade conceitual nestas descrições, substituída em sua maioria - e aqui está a analogia com as pinceladas sobre os centros urbanos - pela simplista comparação de caráter dos latino-americanos

<sup>74</sup> CARRARA, Enrico, *op. cit.*, p. 23.

<sup>75</sup> QUARTARA, Giorgio, *op. cit.*, pp. 45-46.

<sup>76</sup> BELLI, Piero, *op. cit.*, p. 219.

<sup>77</sup> ROCCA, Enrico, *op. cit.*, pp. 208-209.

<sup>78</sup> MASTURZI, Giovanni, *op. cit.*, p. 45 e Arnaldo Cipolla, *Nel Sud America...*, cit., p. 52.

<sup>79</sup> APPELIUS, Mario. *L'aquila...*, cit., pp. 49-50 e 54.

<sup>80</sup> PAVONI, Giacomo. “*Pampero*”..., cit., p. 21.

<sup>81</sup> APPELIUS, Mario. *L'aquila...*, cit., p. 381. Para este jornalista, Guadalajara representava para o México o que Nápoles era para a Itália.

<sup>82</sup> APPELIUS, Mario. *Le isole...*, cit., p. 35. Para um outro viajante, a “napolitanidade” de Havana era evidente na beira-mar - o *Malecón* (reportado erroneamente como Maleçon) - remetia “ao passeio (n.d.t. pela orla de) *Chiaia* sem o melodioso reforço de *Santa Lucia*” (ROCCA, Enrico, *op. cit.*, p. 309).

com os italianos, ou melhor, com os italianos meridionais, por causa das formas exteriores de manifestação do caráter, da aparente despreocupação, do deletério costume do clientelismo e nepotismo e do fatalismo sorridente de muitos<sup>83</sup>.

No que se refere às populações do subcontinente, quase todos destacavam a vasta gama de misturas raciais e étnicas; alguns indicavam como prioritário o dever de aprofundar ainda mais este processo e continuar a integrar os vários componentes destas sociedades, também não faltava quem zombasse do conceito de raça cósmica, elaborado pelo mexicano *José Vasconcelos*, como teoria que procurava erroneamente validar a imagem de um local com identidade própria e, por isto, desvinculada da latinidade<sup>84</sup>. Na verdade, em termos de raças não brancas, falava-se muito mais dos índios que dos negros, mas de ambos, às vezes, falava-se sem se preocupar em esconder abordagens racistas, ainda que nunca teorizadas abertamente. Raramente se destacavam aspectos positivos dos indígenas americanos como a altivez, a independência e o próprio rigor moral<sup>85</sup>; muito mais freqüentemente eram evidenciados seus defeitos:

*“Raramente escutais um canto. A raça triste não tem canções. Raramente ouvis uma risada. A raça triste ri só quando está embriagada”*<sup>86</sup>. Os índios guatemaltecos eram descritos como “mendigos [...] tortos [com] lábios leporinos, membros defeituosos, olhos pálidos e imbecis”<sup>87</sup>, os bolivianos como seres “repugnantes e imundos [que] se deixam vencer

<sup>83</sup> O próprio Appelius aparentou, mais de uma vez, o cubano ao napolitano, através do sangue árabe e espanhol, da natureza benévola e porque ambos tinham “uma inteligência rápida e dinâmica, natural inclinação para a eloquência, excesso de entusiasmo e defeito de *self-control*, ambos [...] fáceis à cólera e ao riso”, dotados de natureza passional, ligados à família e respeitosos com os pais (APPELIUS, Mario. *Le isole...*, cit., p. 34). O jornalista de “*Il Popolo d’Italia*”, falando de Cuba, citava muitas vezes semelhanças verdadeiras ou presumidas e evidenciava obrigatoriamente a “massa tropical vestida de branco, que fala alto, gesticula muito, se abandona sobre as calçadas para efusões napolitanas[...] festeira, ruidosa [...] alegre, otimista” (*ibidem*, pp. 19 e 29). Ambas as cidades tinham, então, “vendedores de frutas em abundância, barraquinhas de picolés e frituras, sorveteiros ambulantes, realejos, moleques que param para brincar, ambulantes que berrando exaltam os seus produtos” (*ibidem*, p. 35).

<sup>84</sup> APPELIUS, Mario. *L’aquila...*, cit., p. 352, apesar de exprimir seu próprio apreço pelo trabalho científico de Vasconcelos, afirmava que os seus conceitos sobre a raça cósmica, apesar de interessantes do ponto de vista literário, como conteúdo, eram fantasiosos”.

<sup>85</sup> “O índio é ativo, independente, muito suscetível e não suporta o domínio do branco, nem se deixa seduzir pelas manifestações da nossa cultura. Prefere a sua floresta e a sua independência à cidade, e mostra-se quase irredutível a ação educadora. [Tem] dignidade de costumes, e [...] um senso de nobreza que não o rebaixa à infâmia” (BARTOLOTTI, Domenico. *Il Brasile meridionale*, cit., pp.40-41).

<sup>86</sup> APPELIUS, Mario. *L’aquila...*, cit., p. 330.

<sup>87</sup> APPELIUS, Mario. *Le terre...*, cit., p. 12.

pela indolência e pela senilidade precoce, que facilmente ataca a sua raça”, levando-os a vestir-se com farrapos e a viver como animais<sup>88</sup>. A indolência era um dos aspectos mais evidenciados, assim como a indiferença<sup>89</sup>, mas sobretudo a inferioridade, que os levava a ser “preservativos como cães”<sup>90</sup>, defeitos, estes últimos, que partilhavam também os descendentes dos africanos, dos quais, porém, era colocado em evidência o cheiro ruim, com uma prosa geralmente ofensiva, como pode constituir exemplo este fragmento sobre Havana:

Os traseiros rebolam duas negrinhas com elegância [...] irmãs das suas consanguíneas da África que via meses atrás nuas ou semi-nuas nas florestas do Gabão ou nos mercados de Camarões [...] Aqui se vestem à... parisiense, mas quem viu milhares e milhares delas adornadas segundo a moda da mãe Eva, às margens do *Níger* e do *Ogoué*, as despe involuntariamente. Conheço-vos, vós não me enganais! *Coty* pelo menos vos livrou do odor?<sup>91</sup>

Em mais de uma ocasião, enfim, o eventual retrato negativo das componentes autóctones das populações latino-americanas era acompanhado por ilustração das grandes vantagens, que advieram ao subcontinente pela imigração europeia - em particular a italiana - mesmo que faltassem explícitas referências ao “branqueamento” da raça, como acontecia no passado.

O que temos até agora exposto em termos de temáticas não se distanciava muito do que foi analisado pela imprensa sobre a América Latina até mesmo na época liberal, feitas ressalvas a algumas diferenças de metodologia e à maior atenção voltada a um ou outro aspecto das realidades descritas. No âmbito, ao contrário, das novas problemáticas que emergiram durante o fascismo, a mais intrigante foi, sem dúvida, sobretudo a partir do fim dos anos Vinte, a que se concentrou sobre os interesses geopolíticos italianos no local. Este novo comportamento, claramente exemplificado nos títulos de algumas das obras publicadas em âmbito mais propriamente ideológico<sup>92</sup>, encontrava concreta confirmação no peso que a região ia adquirindo nas páginas das publica-

<sup>88</sup> DI MONTELENERA, Napoleone Rossi. *op. cit.*, p. 127.

<sup>89</sup> “À sua elevação se opõe a falta na raça de qualquer determinação e a falsidade da sua natureza [que] nada pede, nada quer e a tudo se resigna” (CIPOLLA, Arnaldo. *Montezuma...*, cit., p. 73).

<sup>90</sup> BELLI, Piero, *op. cit.*, p. 219.

<sup>91</sup> APPELIUS, Mario. *Le isole...*, cit., p. 58. Mais adiante afirmava que “se fizer calor sentirei o perfumezinho de ovelhas da África” (*ibidem*, p. 267).

<sup>92</sup> Cfr., para tanto, VILLA, Oreste. *L'America Latina problema fascista*. Roma: Tip. Europa, 1933.

ções periódicas setoriais - como a *“Rivista d’Italia e d’America”*, surgida em 1923 - ou nas de linha mais cultural e voltadas a tutelar a nossa emigração para a América - como *“Colombo”* - e também nas de títulos mais politizados como *“Hierarquia”* e *“Civilização Fascista”*<sup>93</sup>, além do interesse pela América latina manifestado pelo *Istituto per gli Studi di Politica Internazionale (ISPI)* - Instituto para Estudos de Política Internacional, desde a sua criação em 1934, em particular para com os três países mais significativos do subcontinente: Argentina, Brasil e México.

Esta abordagem estava perfeitamente alinhada às lógicas de grande potência, que a Itália de então perseguia, que levavam a não negligenciar nenhuma área geográfica e a procurar nelas perspectivas de expansão, sobretudo econômica, além das colônias africanas. Tratava-se de um projeto onde Roma ambicionava ter uma função bem mais importante do que no passado em uma América Latina, que era enquadrada mais como região suscetível de ser submetida a uma hegemonia cultural, política e econômica<sup>94</sup> do que como possibilidade emigratória. Este plano se apoiava nos italianos residentes na América, re-propondo de modo atualizado o mito da *“più grande Italia”* (Grande Itália).

Apesar do crescente interesse pelo subcontinente, a atenção dada às temáticas econômicas, institucionais e até políticas, especialmente até a crise de 1929 foi escassa. Muitos dos ensaios e dos artigos, mesmo os de revistas como *“Le Vie d’Italia e dell’America Latina”*, forneciam notícias relativas à economia, comunicações, organização administrativa, comércio e planos institucionais, mas bem poucos autores tratavam, exclusivamente ou predominantemente, destes assuntos<sup>95</sup>, enquanto a imprensa setorial era quase indiferente ao que acontecia no subcontinente, mesmo no campo econômico<sup>96</sup>. Sobretudo na primeira década do período Entreguerras, a principal interpretação era a de vantagens comparadas como conotação irremovível, praticamente eterna, pela literatura de viagem e pela especializada, sob a ótica de área geográfica de terra fertilíssima e de jazidas minerais inexauríveis, que devia continuar a exportar bens primários e a importar todo o

<sup>93</sup> Leia, entre muitíssimos artigos, DE ZUANI, Ettore. *L’Argentina e il fascismo*. “Crítica Fascista” 16, 1935-1936, ENGELY, G. *Tendenze politiche dei paesi d’America*, ibidem, SILVA, Mario da. *Fascismi latinoamericani*. “Crítica Fascista” 3, 1937-1938. UMILTÀ, Carlo. *Gli italiani dell’era fascista nell’America Latina*. “Gerarchia” 3, 1929. SORRENTINO, Lamberti. *Le rifrazioni del fascismo in America Latina*. “Gerarchia” 10, 1932.

<sup>94</sup> Cfr., a interessante monografia de GIANNATTASIO, Valerio. *«L’America Latina problema fascista»: la pubblicistica italiana dal 1925 al 1943*. Nápolis: 2004-2005. Faculdade de Ciências Políticas, Universidade de Nápoles “L’Orientale”.

<sup>95</sup> Em geral tratavam-se de publicações de caráter geográfico, como as reportadas na nota 5.

<sup>96</sup> A única exceção relevante é representada pelo estudo de LIBRANDO, Gaetano. *America Latina*. Aspetti economici e politica commerciale, 2 vol. Milão: Pecari, 1928-1930.

resto. Encontravam-se, portanto, contínuas alusões, raramente aprofundadas, às riquezas minerais do Chile e Bolívia, ao rebanho e cereais do *Río de la Plata*, ao açúcar do Caribe, ao café do Brasil<sup>97</sup>, ao cacau da Venezuela e até a decadente borracha da Amazônia, sem que, todavia isso comportasse senão incursões episódicas no problema do latifúndio e do drama da propriedade da terra.

Sob esta ótica, as possibilidades de desenvolvimento do setor secundário eram vistas com ceticismo, atitude esta que ocultava com dificuldade a vontade de dissuadir, recorrendo a um rígido determinismo referente à complementaridade de funções entre velho e novo mundo, a toda tentativa de emancipação americana das importações industriais da Europa. Uma reviravolta (e maior atenção aos processos econômicos latino-americanos) se deu após as mudanças de direção ditadas, no subcontinente, pelas conseqüências da queda da bolsa de New York. Nos anos Trinta emergiram, assim, particularmente na literatura especializada, análises bastante corretas da realidade de além-oceano, a partir da consciência de que já teria sido impossível um puro e simples retorno ao modelo agro-exportador<sup>98</sup>. O jornalismo econômico começou a registrar também menções a eventuais desenvolvimentos industriais, sobretudo à medida que se aproximava o final da década, e o Centro de Estudos Americanos dedicava uma seção nos seus anuários às economias do subcontinente, lamentando que a Itália do passado demonstrasse incapacidade de fazer sentir a sua presença com investimentos e consistentes intercâmbios comerciais. Em linhas gerais, o comércio foi a preocupação prevalecente, considerada a grande disponibilidade latino-americana de matérias-primas que a Itália precisava<sup>99</sup>. Que o intercâmbio fosse um interesse muito presente ficou claro desde 1924, quando foi realizado o já citado cru-

<sup>97</sup> Um pequeno espaço foi dedicado a este produto por BARTOLOTTI, Domenico. *L'oro verde del Brasile*, Sancasciano Val di Pesa. Società Editrice Toscana, 1928. pp. 1-58.

<sup>98</sup> Cfr., por exemplo, a exposição de POZZANI, Silvio. *Panamerica e spazio orientale asiatico*. Milão: ISPI 1940.

<sup>99</sup> Veja, entre os outros, limitando-nos à imprensa especializada, BACCI, L. Italia e America Latina nei loro rapporti economici e culturali. *Colombo*, 2, 1926. ASQUINI, Alberto. La missione commerciale italiana nell'America Latina. *Rassegna di Politica Internazionale*, 5, 1936. CARLOTTO, Giuseppe. *Contributo all'espansione italiana sul mercato latino-americano*. Genova: Il Commercio Italo-Americano, 1935, além dos já citados volumes de Gaetano Librando. Sob a ótica do incremento dos intercâmbios comerciais compreendia, fornecendo um quadro exaustivo da situação, a pequena obra de TURCHI, Giuseppe. *Memorie per una linea regolare e diretta tra Italia e Nord-Brasile*. Rimini, s.e., 1930, enquanto respondia à lógica da procura de espaços, em setores novos, o livro de PELLEGRINI, Aldo. *Comunicazioni aeree tra Italia e America*. Roma: Centro de Estudos Americanos, 1938. Porém neste campo prevaleceram os alemães, mesmo com a presença italiana garantida, no final dos anos trinta, pela companhia L'ATI.

zeiro do navio Itália, espécie de exposição flutuante, que hospedava produtos de mais de 500 empresas e também manifestações culturais, (o responsável artístico era Guido Aristarco Sartorio) que aportou em 12 países e 28 portos do subcontinente. Mas o projeto também tinha um forte sabor político e preestabelecia o objetivo de consolidar as relações com o local e de propagandear, entre os italianos e junto às populações locais, a imagem de uma nova Itália, moderna, produtiva e tecnicamente avançada.

Apesar destes e outros esforços, os intercâmbios comerciais mantiveram-se em níveis modestos e no passivo para a Itália, fato este que resultou numa evidente insatisfação da parte de Roma, agravada pela constatação dos sucessos obtidos pela Alemanha nazista, na segunda metade dos anos Trinta. Esta situação empurrava os nossos analistas a ferroarem o governo, para que arrancasse acordos mais favoráveis com um maior número de países e incitasse o corpo diplomático a promover as nossas produções, até insistindo sobre o fato de que a Itália não tinha na região nem um passado colonial nem um presente imperialista.

Como no período precedente, também no Entreguerras, a imprensa ateu-se com incansável insistência sobre os italianos, suas contribuições - passadas e presentes - ao progresso econômico dos países latino-americanos, à expansão da agricultura, indústria e comércio, ao crescimento das cidades, à valorização do fator trabalho também do ponto de vista moral, à capacidade de resistência às fadigas, ao espírito de sacrifício, ao espírito empreendedor, à intuição e à genialidade itálica, destacando também as contribuições culturais e a missão de “civilização” e até de formação das próprias nações, das quais os imigrantes peninsulares já eram parte integrante e indispensável. Páginas e páginas foram então dedicadas aos notáveis desta coletividade, isto é, aos que se destacaram no mundo da indústria, finanças, comércio, agricultura e cultura (porém pouco sobre os profissionais liberais) e não só nos centros mais importantes e com maior concentração de compatriotas, mas também onde eles alcançaram cifras absolutamente irrelevantes, tanto que até em *Arequipa*, onde residiam só 15, todos foram descritos como pioneiros “nas indústrias e no comércio”<sup>100</sup>. Apesar da tendência difundida de exaltar os “*tios da América*”, às vezes, eles eram lembrados junto com os que não conseguiram e com a enorme multidão dos que ficaram no anonimato, mas que com o seu trabalho, seus sacrifícios e sua descendência haviam forjado o subcontinente. E, ao destacar tais

<sup>100</sup> MASTURZI, Giovanni, *op. cit.*, p. 4.



contribuições, recorria-se, frequentemente, ao uso de uma prosa de impacto, capaz de valorizar através do estilo literário as façanhas dos filhos da Itália, sem parcimônia da grandiloquência fascista:

As centenas de milhares morreram os Italianos em terras da América, fecundando com seu sangue e seu suor os novos povos e os novos países. Enquanto estes caíam ao longo do caminho, para fertilizar os sulcos tornados estéreis pelos séculos ou se amalgamavam às massas de alémmar, para fecundar as alcovas com os poderosos enxertos de Roma, outros tantos, cortadores de pedra ou mascates transformavam-se em banqueiros, grandes industriais, líderes do comércio, da agricultura e do desenvolvimento econômico, político, científico e artístico das três Américas<sup>101</sup>.

Tantas foram as páginas dedicadas a estas temáticas, que seria trabalho pesado (e repetitivo) enumerar monografias e artigos, que examinavam o caminho percorrido pelos nossos compatriotas, suas eventuais derrotas e os muito mais enaltecidos sucessos<sup>102</sup>. Limi-

<sup>101</sup> APPELIUS, Mario. *Le terre...*, cit., pp. 116-117.

<sup>102</sup> Além disso, vale a pena destacar como alguns livros de viagem praticamente não falavam dos países visitados, limitando-se a ilustrar as temáticas relativas aos italianos. Exemplos disso são os dois volumes de PUCCINI, Mario. In: *Argentina*. Roma: Dante Alighieri, 1938 e *Nel Brasile*, Roma: Dante Alighieri, 1940, enquanto diversos foram os estudos onde os imigrantes, mesmo não ocupando todo o espaço, tinham um lugar de absoluto relevo, às vezes, majoritário, como por exemplo, em ZOLI, Corrado. *Sud America*. Note e impressioni di viaggio. Roma: Sindacato Italiano Arti Grafiche, 1927 e em BARTOLOTTI, Domenico. *In Brasile*. Genova, SIAG, 1926. Na própria revista do Touring, cerca de um quinto dos artigos (em alguns anuários ou mais) era dedicado aos compatriotas, até de áreas onde a nossa emigração era absolutamente inconsistente (JANESEN, Pietro Gerardo. Italiani di Cartagena. *VLAL* 7, jul.1931, pp. 693-698 e Italiani nel Guatemala. *VLAL* 12, dez.1932, pp. 1283-1287, só para dar alguns exemplos). Muitos são os temas tratados (e me limito a citar pouquíssimos): o trabalho manual (MICHELLI, Augusto. Per un ricordo ai pionieri italiani nel Panamá, *VLAL* 4, abr.1925, pp. 381-390. PAVONI, Giacomo. Il nostro lavoro in Argentina. *Le braccia*, *VLAL* 6, jun/1926, pp. 667-676, MANZINI A.. *Il fumo e la nuvola* (Tra le sigaraiie italiane al Brasile). *VLAL* 2, fev.1932, pp. 177-182); a colonização agrícola (FASSINA, J. H. Il colono italiano nel Rio Grande do Sul. *VLAL* 5, mai. 1927 pp. 555-562, TEGANI, Ulderico. La colonia Regina. Iniziative italiane in Argentina. *VLAL* 4, abr.1930, pp. 347-354. CARLI, Mario. *La colonizzazione italiana nel Rio Grande do Sul*. "Le Vie d'Italia e del Mondo" 7, jul.1934, pp. 815-846); a exaltação dos que conseguiram ocupar posições relevantes na pirâmide social, especialmente, no campo industrial (Un pioniere italiano in America: Enrico Dell'Acqua e le sue fabbriche, *VLAL* 1, jan. 1930, pp. 30-36, Un tessitore biellese a La Paz: Emilio Forno. *VLAL* 4, abr. 1930, pp. 364-366, TEGANI, Ulderico. Il gigante italiano dell'industria brasiliana: Matarazzo. *VLAL* 6, jun. 1930, pp. 582-592), na construção civil (PAOLI, Giorgio. Un costruttore italiano al Chile: Felice Corte, *VLAL* 12, dez. 1929, pp. 1262-1266, TEGANI, Ulderico. Antonio Jannuzzi, l'italiano che ha costruito mezza Rio de Janeiro, *VLAL* 11, nov. 1928, pp. 1257-1263), no comércio (Industrie italiane nel Venezuela: la Casa J. Boccardo & C., *VLAL* 9, set. 1926, pp. 1042-1045, Industrie italiane all'estero: la caffetteria Costa a Valparaiso, *VLAL* 2, fev. 1931, pp. 175-178), na agricultura (SPIGA, Carlo: Un grande "fazendiere" italiano in Brasile: Geremia Lunardelli. *VLAL* 8, ago. 1930, pp. 823-830, ROSSI, Giuseppe. Attività italiane nel Salvador: una famiglia di

tar-nos-emos, portanto a evidenciar que a dimensão quantitativa das comunidades imigradas, em algumas nações, era utilizada para projetar não só um irrealizável aumento dos nossos tráfegos comerciais<sup>103</sup>, mas também uma afirmação política (e, se possível, ideológica) da Itália naquelas latitudes. O fascismo mostrou, como se sabe, particular consideração pelos italianos do exterior (tanto os nascidos na península como seus descendentes) esforçando-se para impedir que perdessem o sentimento de pertencimento étnico. Esta operação se revelou difícil, num período histórico, que o subcontinente procurava afirmar uma forte identidade nacional. Propositamente, na literatura sobre a América Latina, inclusive a de viagem, apareciam freqüentes lamentações pela rapidez do processo de assimilação<sup>104</sup> e pela latino-americanização dos filhos dos imigrantes. A análise muito difundida era que estes “italianos desintegrados” (para usar a expressão de um jornalista do “*Corriere della Sera*” num relatório a Alessandro Pavolini, ministro da Cultura Popular<sup>105</sup>) já estavam perdidos, ou melhor, que se transformaram nos mais inflamados nacionalistas dos países americanos<sup>106</sup>.

---

“fazendieri”. *VLAL* 2, fev. 1932, pp. 173-176), nas finanças (*La Banca Francese e Italiana per l'America del Sud*, *VLAL* 6, jun. 1924, pp. 691-694, CONSOLI, B. Banche argentine, brasiliane e uruguayane. *VLAL* 7, jul. 1927, pp. 791-797). Enfim, eram freqüentes, além da invocação de personagens de destaque no descobrimento, nas explorações e na vida artística e cultural - as descrições das formas de vida coletiva da América, em particular as associações ( IMPERATORI Ugo E. *Il Circolo Italiano di Buenos Aires*. *VLAL* 8, ago. 1931, pp. 807-811, DA PARMA, Ugo. Fra le istituzioni di Rio de Janeiro: la Società Italiana di Beneficienza, *VLAL* 10, out. 1930, pp. 1057-1059), a saúde (MARI, Carlo. *L'Ospedale Italiano di Buenos Aires*. *VLAL* 3, mar. 1925, pp. 303-312, ZUCULIN, Bruno. *L'Ospedale Italiano Umberto I a San Paolo*. *VLAL* 1, jan. 1926, pp. 1-12. DE' GUARINI, Cleto. *L'Ospedale Italiano di Montevideo*, *VLAL* 5, mai. 1930, pp. 429-435) e a educação (*Un rapido sguardo attraverso l'America Centrale: Italiani e scuole italiane nel Centro America*. *VLAL* 9, set. 1925, pp. 1048-1050, V. F. Istituto Medio Italo Brasileiro “Dante Alighieri” di S. Paolo. *VLAL* 1, jan. 1927, pp. 41-46, IMPERATORI, Ugo E. La scuola italiana di Montevideo, *VLAL* 10, out. 1931, pp. 1040-1042).

<sup>103</sup> A propósito deve ser mencionada a tentativa feita em 1924, pelo governo fascista, de assinar um tratado de emigração com o Brasil (que continuava precisando de mão-de-obra braçal) com a concessão de um acordo comercial favorável a Itália. Cfr. MAGRINI, Luciano, *op. cit.*, pp. 180-181 e TRENTO, Angelo. *Do outro lado do Atlântico: um século de imigração italiana no Brasil*. São Paulo: Nobel 1989, pp. 273-277.

<sup>104</sup> Escrevendo sobre um italiano residente há muito tempo no Brasil, encontrado a bordo de um navio, em viagem para América Latina, assim exprimiu-se um observador da época: “Décadas de vida no exterior, entre estranhos, de quem sofreu influência, o modificaram tanto que o tornaram estranho ao seu próprio país de origem” (PAVONI, Giacomo. “*Pampero*”..., cit., p. 4), constatação de onde extraiu motivo para formular, pouco depois, um conceito geral sobre os italianos do subcontinente, os quais, “mesmo conservando a própria nacionalidade, se confundem e se fundem com a população nativa” (*ibidem*, p. 23).

<sup>105</sup> Cfr. TRENTO, Angelo. *Do outro lado...*, cit., p. 288.

<sup>106</sup> Sobre a difusão de um forte nacionalismo latino-americano junto aos descendentes, insistiam muitos, a começar por DORIA, Gino, *op. cit.* e, em outro tipo de publicação,

Preocupações deste tipo retornavam com razão ao cerne da política endereçada pelo regime às coletividades expatriadas e seus descendentes e, para este propósito, não era absolutamente casual que as linhas seguidas por Roma com relação à emigração fossem mais vezes reforçadas e valorizadas pela literatura de viagem. Nem podia surpreender que os mais importantes progressos, que este ou aquele observador registrava nas formas de vida coletiva dos italianos residentes na América, fossem muitas vezes atribuídos ao fato de terem sido tocadas pelo “sopro do fascismo”<sup>107</sup>. Tudo isso era perfeitamente conseqüente à vontade de Roma de suscitar e, então, reforçar o sentimento de pertencimento étnico, adormecido no curso dos longos anos transcorridos em terra estrangeira e pintado como desconhecido no passado, na própria península e mais ainda no exterior. A imprensa insistiu muitíssimo na reconquista e na difusão da italianidade e no surgimento (mais do que no crescimento) de um orgulho nacional estimulado pelo prestígio, que a pátria-mãe, parecia gozar no cenário mundial (oportunamente engrandecido pelos expoentes do regime e pelos meios de propaganda)<sup>108</sup>.

Uma vez conquistados pela italianidade, os imigrantes eram exortados a identificar este prestígio com o modelo político vigente na pátria-mãe e – embora escritores decididamente engajados percebessem que o consenso obtido passava em grande parte pelo orgulho patriótico e que “a idéia fascista ia progressivamente unindo-se com a de Pátria, assim como deve ser”<sup>109</sup> - na literatura de viagem apareciam cenas de multidões de compatriotas entusiastas do regime e de Mussolini, de explosões de “*eia eia alalã*”, de ostentação de camisas negras e distintivos lictórios e de hinos do regime, sendo os preferidos “*Giovinetti*” (Juventude) e “*All’armi siam fascisti*”<sup>110</sup> (Às armas, somos fascistas). Nestas obras, era reservado um espaço aos descendentes jovens

---

FOÀ, Carlo. *Nazionalismi sudamericani*. Milão: Popolo Italiano, 1937.

<sup>107</sup> CARLI, Mario, *op. cit.*, p. 846.

<sup>108</sup> Naturalmente não deixava de destacar como o descrédito em que se encontrava a Itália antes de 1922, fosse devido a precisas responsabilidades das classes dirigentes do passado e como a nova situação era mensageira de crescimento positivo, para o futuro das coletividades imigradas, destacando “o esforço enorme a que foi constrangido o Governo fascista para reerguer, o nosso prestígio no mundo, depois da herança de vergonha deixada pela Itália democrata-liberal e reorganizar aquilo de bom, que ainda aqui e ali, existia e fazer dele a base para o muito, que se deve realizar no futuro” (CIARLANTINI, Franco *op. cit.*, p. 217).

<sup>109</sup> APPELIUS, Mario. *Chile e Patagonia*, cit., p. 68.

<sup>110</sup> Um bom exemplo destas descrições é a narração da viagem de trem pelo Chile, feita por representantes do corpo diplomático e expoentes do fascismo italiano, neste país sul-americano, que encontramos descrito no livro citado na nota precedente, pp. 145-154.

e ao instrumento considerado indispensável, para que interiorizassem sentimentos de italianidade e, ao mesmo tempo, fossem socializados politicamente. As escolas italianas eram, sem dúvida, exaltadas para esta dupla função que, em realidades mais isoladas (onde às vezes supriam as deficiências do sistema educacional nacional), acabavam por orientar também crianças de outras ascendências étnicas:

Oh, vós não imaginais o que significa entrar numa pequena sala de aula num dos países além do Oceano e encontrar trinta adolescentes cantando “*Giovinezza*” em italiano; e não são todas carinhas da nossa raça; mesmo antes do professor vos ter instruído, vós teríeis visto e reconhecido naquele lourinho descolorido e gorducho o filho de um alemão, naquele negro dos olhos brilhantes como carvões o filho de um africano, naquele moreno de olhar reflexivo e triste o resultado de um amor quem sabe como, nascido entre um árabe da Síria e uma branca de vai se saber qual raça... “*Giovinezza*”; eles cantam todos “*Giovinezza*”; e concluído o hino, todos de mãozinhas pra cima na bela saudação nossa, romana <sup>111</sup>.

Na imprensa da época, além das escolas, encontravam espaço, obviamente, as outras instituições e organismos incumbidos de promover o fascismo, nas coletividades imigradas, e junto à opinião pública local, em primeiro lugar as organizações de regime trazidas para a América (para dizer a verdade, mais as seções do *Opera Nazionale Dopolavoro* (n.d.t.: associação recreativa e cultural para trabalhadores) que os “*Fasci*” - sobre os quais nem sempre eram escritos pareceres gentis<sup>112</sup>) e também uma imprensa étnica engajada de maneira apreciável em favor do regime, um corpo diplomático amplamente “*fascistizado*” e um mundo associativo, frequentemente, (e mesmo que oportunisticamente) submisso ao modelo político vigente na Itália. Peso ainda maior na construção do consenso americano tiveram, naturalmente, as numero-

<sup>111</sup> PUCCINI, Mario. *Nel Brasile*, cit., pp. 112-113. Os hinos do fascismo foram, obviamente, um dos elementos de doutrinação em quase todas as escolas italianas da América Latina, no período Entreguerras e até Mario Appellius, ao visitar *Chipilo*, colônia agrícola mexicana surgida nos anos 80, do século XIX, pelas mãos de imigrantes vênnetos, ressaltou “o coro das estudantes [que] cantava: *I bimbi d'Italia/ son tutti Balilla*” (as crianças da Itália são todas fascistas) (*L'aquila...*, cit., p. 92).

<sup>112</sup> Particularmente, exprimiam-se dúvidas sobre a integridade moral, a capacidade e discrição dos dirigentes, enquanto que no caso dos simples afiliados, “não era o caso de investigar” sobre a sinceridade das adesões (BARTOLOTTI, Domenico. *In Brasile*, cit., p. 92). Sobre as organizações do partido na América latina, cfr. ZANATTA, Loris. *I Fasci in Argentina negli anni Trenta*. TRENTO, Angelo. *I Fasci in Brasile*, ambos em FRANZINA, Emilio. SANFILIPPO, Matteo. (org.). *Il fascismo e gli emigrati*. La parabola dei fasci italiani all'estero (1920-1943). Roma-Bari: Laterza, 2003. pp. 140-151 e 152-166. Sobre o fascismo dos italianos no subcontinente recordamos só uma das últimas contribuições: SCARZANELLA, Eugenia (org.), *Fascisti in Sud America*. Florença: Le Lettere 2005.

sas empresas de aviação que despertaram muito entusiasmo no subcontinente. O primeiro vôo nos céus das Américas foi de De Pinedo, que em 1927, percorreu quase 44.000 km, partindo da Sardenha e chegando à ilha de Cabo Verde, Brasil, Uruguai e Argentina, para depois subir, sobrevoando o interior de toda a América Meridional e Caribe, até alcançar e atravessar a América do Norte e voltar para a Itália<sup>113</sup>. Antes deste, aconteceram dois vôos feitos por pilotos de outras nacionalidades e uma tentativa falida de Casagrande no ano anterior. Era, portanto, indispensável que “o vôo se completasse e superasse em complexidade os precedentes, para aceitar o desafio do mundo e responder com uma clara vitória às dúvidas e aos sarcasmos dos muitos invejosos que a Itália renovada tem no mundo”, mas sobretudo para dar demonstração dos progressos tecnológicos da indústria peninsular<sup>114</sup>. Seguiram-se, então, outras importantes empresas aviatórias que ampliariam a fama da Itália na América latina: Ferrarin e Del Prete, que em 1928, estabeleceram o recorde mundial de duração de vôo aterrissando no Brasil quase dois dias depois; Balbo e a sua já citada travessia de 1930-1931 com 14 hidroaviões; Lombardi e Mazzanti que em 1934 alcançaram Buenos Aires sem escala<sup>115</sup> e, enfim, a esquadrilha de três aviões dos “*Sorci Verdi*” (*Ratos verdes*), na qual figurava entre os pilotos, Bruno Mussolini, em 1938, no Brasil.

A Itália fascista era apontada como exemplo a ser seguido também na América Latina, por causa do prestígio adquirido com os novos caminhos, que apagaram a imagem do passado, isto é de uma nação “hesitante, incerta, medrosa e sempre última” no contexto internacional e que, agora, ensinava ao mundo “quanto valem a ordem, a justiça, a fidelidade à tradição e a cultura”<sup>116</sup>. O compatriota residente alémoceano era tido como instrumento essencial, para difundir o vitorioso modelo italiano e para direcionar favoravelmente ao regime vastos extratos sociais dos países de acolhimento. Mas, ao mesmo tempo, a imprensa da época, se apressava em transmitir aos seus leitores a ima-

<sup>113</sup> Para a narração da expedição em primeira pessoa, cfr. DE PINEDO, Francesco. *Il mio volo attraverso l'Atlantico e le due Americhe*. Milão: Hoepli 1928.

<sup>114</sup> ZUCULIN, Bruno. *Il trionfale volo di De Pinedo sulle acque e le terre dell'America Latina*, *VLAL* 5, mai/1927, p. 503. O próprio De Pinedo, em uma entrevista ao jornal “*Patria degli Italiani*” (Pátria dos Italianos) de Buenos Aires, concedida na época do vôo, ilustrava o objetivo da expedição: “Queremos demonstrar ao mundo inteiro que a indústria italiana, em especial a da aviação, atingiu um grau de perfeição que não teme confrontos.” (cit. *ibidem*, p. 514). Sobre as mesmas temáticas, ver também, na revista do Touring, o artigo sucessivo de TOMASELLI, Cesco. De Pinedo nel cielo delle Americhe. *VLAL* 3, mar. 1928, pp. 284-294.

<sup>115</sup> Cfr. MATTIOLI, Guido. *Roma-Buenos Aires in 45 ore*. Roma: L'Aviazione, 1935.

<sup>116</sup> PUCCINI, Mario, *In Argentina*, cit., p. 89.

gem confiante de um interesse absolutamente espontâneo, senão de verdadeira admiração, da parte da opinião pública e das próprias classes dirigentes locais para com o fascismo, relatando com frequência (talvez de maneira mais articulada) conceitos como os expressos com telegráfica síntese por uma hipotética interlocutora argentina a uma viajante da metade dos anos 30: “Aqui as coisas vão mal; Ah, se nós também tivéssemos um Mussolini!”<sup>117</sup>. Não se tratava, porém de fazer grandes imposições, e para confirmar isso, bastaria tomar emprestadas as palavras do personagem de um romance também argentino, do fim da década precedente que afirmava: “*Por isto admiro Mussolini. No país de tocadores de violinos estabeleceu o uso do bastão e o reino das operetas se transformou no mastim do Mediterrâneo*”<sup>118</sup>.

Como a análise econômica do subcontinente, também aquela política permaneceu muito aquém até 1929 e o pouco que foi elaborado não se afastou de estereótipos amplamente negativos, enfocando, sobretudo, os defeitos das democracias latino-americanas (e das democracias em geral). Mas as próprias conseqüências do *crack* da bolsa de New York induziram a enquadrar com outros olhos realidades que foram constrangidas a procurar novas fórmulas e modelos, graças ao enfraquecimento global das convicções democráticas e liberais (no subcontinente de matriz anglo-saxônica desde a independência) que poderiam ser os totalitarismos europeus, olhados com interesse, não tanto nos anos 20 como pensavam alguns observadores<sup>119</sup>, mas certamente na década seguinte. O fascismo procurou, então, propor-se como referência, ou melhor, como guia e avaliou positivamente a ascensão de numerosos governos autoritários, apresentados pelos viajantes (dos quais estamos nos ocupando), e claro, pelos analistas políticos, como a única garantia não só da ordem, mas da modernização e do desenvolvimento.

Além disso deve ser destacado como o ater-se em algumas realidades não-liberais, que foram delineando-se na América, especialmente depois de 1929, se registrou preferencialmente no caso dos países onde estavam presentes traços e diretrizes que tinham alguma analogia ou parentesco com o fascismo italiano. Melhor ainda, se tais

<sup>117</sup> TERRAZZI, Regina. *Crociera sentimentale Trieste-Buenos Aires*. Milão: Popolo Italiano, 1936. p. 139.

<sup>118</sup> ARLT, Roberto. *I sette pazzi*, Roma, e/o 2003, p. 180. A primeira edição argentina do romance é de 1929.

<sup>119</sup> Escrevendo em 1924, Piero Belli assim traçou um improvável comportamento das nações sul-americanas com relação à política italiana: “O Brasil todo está cheio de admiração pelo movimento fascista. No Uruguai, o encontramos perfeitamente orientado. A Argentina persuadida. O Chile entusiasmado. O Equador orgulhoso de ter chamado a atenção de Roma” (*op. cit.*, p. 307).

experiências adotavam alguns dos seus fundamentos, como o corporativismo e a política de controle sindical, ou então seguiam alguns de seus determinados percursos, como o diálogo com a Igreja, ou ainda, pegavam emprestado seu estilo e suas estratégias de propaganda. Certamente quem escrevia sabia perfeitamente quanta cautela precisava usar, para evitar aproximações embaraçosas com personagens sinistros, cuja prática ditatorial, se aproximada do fascismo, poderia prejudicar a imagem deste último. Ao mesmo tempo, era assumida uma postura ambivalente para com os movimentos e partidos fascistas surgidos na América Latina, os quais, por um lado se referiam aos princípios de Mussolini e por isto eram apreciados (mas sempre com olhos críticos em termos de fidelidade ao modelo original), por outro se preocupavam mesmo com o nacionalismo, característica fundamental do fascismo, mas que, obviamente, no caso dos epígonos subcontinentais iam de encontro aos interesses de Roma. De onde, como já foi mencionado<sup>120</sup>, em algumas realidades (sobretudo no Brasil a partir de 1930 e na Argentina posteriormente) o fascismo acabou por fornecer suporte ideológico à nacionalização das massas, favorecendo assim o “abrasileiramento” e a “argentinizacão” dos imigrantes, operação que ia em sentido diametralmente oposto à manutenção da italianidade perseguida pelo regime.

Tanto na literatura de viagem, quanto no jornalismo especializado, não encontraram praticamente espaço questões relativas ao movimento sindical e ao círculo operário (apesar do impacto que tiveram sobre estes ambientes as experiências de governo de Cárdenas no México, Vargas no Brasil, Toro e Busch na Bolívia, citando os exemplos mais interessantes), se não para aludir à transposição da “*Carta del Lavoro mussoliniana*” na constituição do Estado Novo no Brasil. Em geral, quase não se mencionava a crescente participação das classes populares e nem mesmo a crescente influência das Forças Armadas, enquanto se registrou uma abundância de descrições de chefes do executivo de caráter forte, de Alessandri a Ibañez, de Estrada Cabrera a Urriburu, de Machado a Terra, tendendo a destacar, quando possível, senão o alinhamento ideológico, pelo menos a admiração deles por Mussolini<sup>121</sup>. Neste sentido, grande atenção foi reservada a Getúlio

<sup>120</sup> ZANATTA, Loris, *op. cit.*, p. 148.

<sup>121</sup> Nestas operações tornava-se mestre o convidado de “*Il Popolo d'Italia*” (O povo da Itália) que nas entrevistas com Chefes de Estados Latino-Americanos procurava sempre testemunhar a presença, nos gabinetes presidenciais, de fotografias do *duce* e de colocar na boca destes personagens, avaliações extremamente bajuladoras, como as expressas pelo presidente de *El Salvador*, Pio Romero Bósquez: “Tenho por Mussolini uma admiração incondicional. O considero o maior homem da latinidade neste período histórico. Nos



Vargas, especialmente, pelo jornalismo político, em particular a partir da instauração da ditadura em 1937. O presidente brasileiro foi exaltado como personagem que, como o *Duce* na Itália, guiava o próprio país com uma “postura segura” e se vangloriava do mérito de ter habilmente adaptadas às exigências da sua nação, muitas das “conquistas teóricas e práticas do fascismo”, criando um novo tipo de cidadão<sup>122</sup>.

No panorama mais complexo do jornalismo sobre a América Latina e, portanto, não só na literatura de viagem, foi feito todo o esforço para associar, numa relação quase de causa e efeito, o conceito de “democracias depreciadas” à praxe imperialista dos Estados Unidos, vista como fenômeno de base originalmente econômica, que inevitavelmente, se transformava em imposição política. Neste quadro, se detinha mais em algumas situações do que em outras (Panamá, Cuba, Nicarágua, o México e a sua espoliação territorial) posto que elas se prestavam melhor a serem apresentadas como modelos da agressividade dos EUA<sup>123</sup>. A simples proximidade geográfica dava conta da inquietação política e das desgraças de alguns países, mas a presença invasiva do poderoso vizinho norte-americano era favorecida pela fraqueza, senão pela cumplicidade de governos e classes dirigentes do subcontinente, que ofereciam a eles “as armas da intervenção e as correntes da escravidão”<sup>124</sup>. Para tal submissão, que tornava inútil uma independência às vezes só formal (frequentemente exemplificada com a área centro-americana e caribenha), se esforçava para contrapor admiráveis episódios de resistência (real ou imaginária), exaltando, sobretudo, a oposição, até na sede de conferências pan-americanas, do México e da Argentina (da qual, porém, alguns sublinhavam as estreitíssimas ligações de dependência com a Grã-Bretanha<sup>125</sup>), enquanto que sobre

---

momentos mais difíceis ou mais amargos da minha vida de presidente, olho o seu retrato para que... me inspire” (APPELIUS, Mario. *Le terre...*, cit., p. 87). O jornalista informava, então, ao leitor que o retrato do *duce* estava bem visível até atrás das escrivatinhas dos presidentes de Cuba e do Panamá (*ibidem*, p. 88).

<sup>122</sup> MARPICATI, Arturo. Nota alla traduzione italiana. In: CARRAZZONI, André. *Getulio Vargas*. Pádua: CEDAM, 1941, p. 6. Traduzido para o português, representa uma das duas biografias de Vargas que saíram naqueles anos na Itália. A outra foi a de ARALDI, Vinicio. *Il Brasile sotto la presidenza di Getulio Vargas*. Roma: La Filografica, 1939.

<sup>123</sup> Cfr. para a literatura especializada, VILLARI, Luigi. *Le aggressioni degli Stati Uniti all'America Latina*. Roma: Cristoforo Colombo, 1941.

<sup>124</sup> APPELIUS, Mario. *Le terre...*, cit., p. 24. Conceitos parecidos eram expressos em outro tipo de jornalismo por Oreste Villa, *op. cit.*

<sup>125</sup> Sobretudo no jornalismo setorial, as páginas dedicadas ao imperialismo inglês no local, em particular na Argentina, aumentaram (e as motivações são óbvias) à medida que se aproximava dos anos Quarenta. Cfr., a este propósito, DE ZUANI, Ettore. Breve storia delle invasioni inglesi in Argentina, “*Nuova Antologia*” 417, 1º set. 1941, e também muitos outros artigos, que apareceram em várias revistas no mesmo período,



personagens complexos, como Augusto César Sandino, havia quem traçava perfis ambíguos, descrevendo-os como metade delinquentes e metade heróis nacionais<sup>126</sup>.

Neste amplo invólucro, o tema mais visceral na literatura especializada, sobretudo nos anos Trinta, foi o pan-americanismo, abordado no plano político, econômico<sup>127</sup>, de relações internacionais<sup>128</sup> e jurídico<sup>129</sup>, não faltou até quem pintasse a União Pan-americana como uma espécie de Terceira Internacional da qual as repúblicas do subcontinente dependiam, como os partidos comunistas do mundo inteiro faziam com o *Comintern*<sup>130</sup>. Ainda que a doutrina Monroe continuasse a ser vista como fórmula concebida e não como instrumento para manter afastada a Europa, mas como política voltada a escravizar a herdeira espiritual e intelectual da Europa, a América latina<sup>131</sup>, os nossos analistas não pararam de falar nas mudanças ocorridas com a política da boa vizinhança<sup>132</sup>, apesar de, às vezes, só entender o caráter instrumental<sup>133</sup> delas. Porém, a reflexão mais correta era a de Gioacchino Volpe,

---

relativas em particular à questão das Falklands/Malvinas; o tema foi tratado também por Folco Testena, conhecido como Revolucionário (Comunardo Braccialarghe) há muito conquistado pelo fascismo e residente há muitos anos na Argentina, mas que contava ainda com muitos fiéis leitores na Itália (TESTENA, Folco. *Arrembaggio alle Malvine*. Roma: Gnutti, 1943).

<sup>126</sup> Mario Appellius, antes de ter oportunidade de entrevistá-lo, o descrevia, reduzindo-o a “um tipo rústico de índio centro-americano, apenas descolorido por um minúsculo cruzamento; homem da montanha, dado às aventuras amorosas nos bosques, às orgias dos lenhadores, aos duelos camponeses; valoroso nas rixas e no corpo a corpo” (*Le terre...*, cit., p. 199). Porém depois de tê-lo encontrado, a sua opinião tornou-se mais hesitante, mesmo que ainda corrompida com respeito as temáticas abordadas abertamente naquele momento histórico na Nicarágua: “Um daqueles típicos bandidos foras-da-lei, que misturam a ferocidade ao sentimentalismo, o assalto ao ato generoso, o estupro à vingança da honra, o assassinato ao belo gesto” (ibidem, pp. 250-251). Todavia o apoio que Sandino recebia até de fora das fronteiras nacionais e – acrescentaremos nós - o assumido valor de símbolo, levavam o jornalista a valorizar a figura do combatente antiimperialista, relutante a qualquer compromisso, sem absolvê-lo totalmente, mas mantendo uma formulação duvidosa: “O observo. O estudo. E não consigo me decidir. Bandido? Herói? Aventureiro? Apóstolo? [...] Talvez uma e outra coisa” (ibidem, pp. 255-256).

<sup>127</sup> MANUELLI, Ernesto. *Panamericanismo economico*. Borgo San Dalmazzo. Istituto Grafico Bertelli, 1939.

<sup>128</sup> DUCCI, Gino. *Orientamenti politico-militari degli Stati americani*. Roma: Centro di Studi Americani, 1938. POZZANI, Silvio, *op. cit.* VOLPE, Gioacchino. *Le relazioni politiche, economiche e spirituali tra Italia e America Latina*. Milão: ISPI, 1936.

<sup>129</sup> CERETI, Carlo. *Panamericanismo e diritto internazionale*. Milão: Giuffrè, 1939.

<sup>130</sup> CANTALUPO, Roberto. *Brasile euro-americano*. Milão: ISPI 1941, p. 140. Cantalupo foi embaixador no Brasil.

<sup>131</sup> Ibidem, pp. 130-136.

<sup>132</sup> VOLPE, Gioacchino, *op. cit.*, esteve entre os mais atentos neste sentido.

<sup>133</sup> Tal colocação estava presente, sobretudo em DUCCI, Gino, *op. cit.* e em PICCARDI, Leopoldo. Roosevelt e l'America Latina. *La Vita Italiana*. 264, 1935.

que individuava o nexa existente entre consolidação do pan-americanismo e o quadro internacional, caracterizado pelas crises europeias e pela impotência da Sociedade das Nações, situação que levava os países do subcontinente a voltar os seus olhos para Washington, que por sua vez, se mostrava pronta, pelo menos na sede pan-americana, a aceitar parcialmente princípios que até então havia recusado. Realmente a colaboração interamericana suscitou, no final dos anos Trinta, graves preocupações, consciente de que ela sancionava a definitiva hegemonia dos EUA no local, evolução esta que não só esfriava as pretensiosas ambições italianas de conquista de espaços econômicos, políticos e ideológicos, mas tornava concreto o risco de um bloco regional coeso, para utilizar no cenário internacional em oposição ao Bloco do Eixo. No mais: a aceleração impressa à colaboração pan-americana foi interpretada como consequência dos temores suscitados em Washington pelos sucessos da Itália e Alemanha no subcontinente<sup>134</sup>.

Tanto a literatura de viagem, como a especializada, procuravam, desde a segunda metade dos anos Vinte, apresentar a Itália como alternativa a *leadership* dos Estados Unidos e da própria Grã-Bretanha na região, mas, obviamente, sem se colocar no mesmo plano (de qualquer modo, Roma não dispunha nem mesmo de instrumentos adequados para isto), ao contrário, destacando repetidamente a ausência de qualquer veleidade expansionista e prevaricadora<sup>135</sup>, apresentando-se, pelo contrário, como nação guia no campo moral e espiritual. O sistema teórico no qual a manobra se inseriu era substancialmente sintetizado no conceito de pan-latinismo, conceito de forte apelo simbólico e propagandístico, que incluía a idéia de uma grande família étnica, para se contrapor ao pan-americanismo prepotente. Este tema foi enfatizado durante mais de uma década, por boa parte da imprensa e sempre insistindo sobre a função primária da Itália nesta operação (“A Itália é mais do que uma irmã, é a luminosa Mãe Latina na qual a latinidade toda confia e se reconhece”<sup>136</sup>), mas os que souberam ilustrar melhor o tema, foram Roberto Cantalupo e Mario Appellius, este último graças ao seu brilhantismo expositivo. Os italianos se apropriaram, assim, de uma idéia que foi elaborada na França e que tinha dado origem à expressão “América Latina”, mas, segundo a opinião dos nossos analistas, a França, embora não tendo no local um passado colonial, exceto

<sup>134</sup> POR, Odon. Il divenire panamericano. *Quaderni di Cultura Politica*, 4, 1941.

<sup>135</sup> Sem esquecer de evidenciar tal vontade na conduta e nas manifestações das potências anglo-saxônicas, apelando assim, para a orgulhosa defesa da soberania nacional, sentimento comum entre os latino-americanos.

<sup>136</sup> L'Argentina alla Fiera di Milano. *VLAL* 7, jul. 1927, p. 764.

no Caribe, e mesmo contrapondo-se à voracidade dos EUA e gozando de inegável prestígio cultural, não era capaz de propor-se como porta-bandeira e guia de tal política, porque não havia contribuído com força de trabalho, energias e iniciativas para o desenvolvimento do subcontinente e porque a sua própria latinidade estava ameaçada pelo enxerto imigratório de outras etnias (dos eslavos aos norte-africanos e asiáticos), que corrompiam a família étnica francesa e privavam Paris de força moral.

Teoricamente, Madrid poderia tê-lo feito, por causa da consistente emigração espanhola e da comunhão lingüística, dando origem a um *panispanismo* ou um *paniberismo*, querendo englobar o Brasil - mas, em primeiro lugar, a *hispanidad* teria isolado outras heranças latinas e, em segundo lugar e sobretudo, a instabilidade e a decadência do regime espanhol (pelo menos até a ascensão de Franco) não podiam garantir a contribuição necessária em termos de espiritualidade e estabilidade<sup>137</sup>. Estas eram orientações das quais o subcontinente tinha desesperadamente necessidade e que só Roma se mostrava capaz de oferecer, por ser a verdadeira capital do mundo latino e, além disso, ter enviado para além-oceano milhões de emigrantes que, agora, juntos com seus ainda mais numerosos descendentes, a representavam. Importante foi também o apelo à espiritualidade<sup>138</sup>, projeto no qual a Itália, sendo sede do Vaticano e tendo estabelecido com ele ótimas relações, podia gozar de um pouco de crédito. Estes temas, agigantados e aperfeiçoados (num determinado momento foi dito que o próprio Bolívar havia entendido que precisava olhar mais para Roma do que para Madri, em termos de latinidade), foram amplamente enfatizados pela imprensa. No mais, a alusão à capital italiana era obrigatória, já que introduzia uma das temáticas mais caras ao regime, ou seja, a derivação da romanidade e do império romano, dos quais o fascismo se punha como herdeiro pronto a reavivar os faustos. A cidade das sete colinas simbolizava

as duas máximas forças espirituais do Ocidente: a Latinidade e o Catolicismo! O Fascismo, acrescentando à estas duas forças o prestígio moral e político da nova Itália, acelerou a ressurreição de Roma [e os latinos da América] não podem deixar de reconhecer esta voz porque ela pronuncia as mesmas palavras do passado: disciplina, hierarquia, majestade

<sup>137</sup> Alguns autores tentaram, na verdade, colocar no mesmo patamar a Itália e a Espanha, que, sob o comando de Mussolini e de Franco, haviam “dado o exemplo que mais se adapta a índole da formação étnica, que é indiscutivelmente, latina” (TIRAFERRI, Emidio. *op. cit.*, pp. 219-220), mas se trata de exceções.

<sup>138</sup> Cfr., para isto, PENDE, Nicola. *La conquista spirituale dell'America Latina*. Genova: Le Opere e i Giorni, 1931.

da lei, potência, determinação e tenacidade<sup>139</sup>.

É interessante destacar, a este propósito, como a invocação à latinidade encontrou muitos observadores atentos na América latina naquele período e como ela foi retomada pelo próprio Perón nos anos 40, em termos de comum pertencimento a grande família latina, tudo isso anulava - como foi recentemente observado - a distância entre identidade italiana e identidade argentina e, facilitando, de fato, a nacionalização dos imigrantes, representava um passo indispensável para conquistá-los politicamente e enquadrá-los no movimento peronista<sup>140</sup>. De todo modo, o pan-latinismo se nutria também de coesão cultural entre as duas margens do Atlântico e isso explicava a inovadora política de promoção neste campo, realizada pelo fascismo no subcontinente, que rompeu uma tradição de afasia que remonta aos governos liberais e se traduziu em grande difusão dos institutos de cultura, em freqüentes viagens e longas estadias de personalidades de destaque do mundo artístico, literário e científico, em um contínuo envio de docentes universitários destinados a dar cursos nas escolas locais. A presença de tantos e tão fortes vínculos tornava inevitável, aos olhos do governo de Roma, a elaboração de um projeto político que certamente dava à Itália uma função de guia, também por causa do aparente prestígio, que gozava em âmbito internacional e das conquistas e das transformações internas tão amplamente reivindicadas pelo fascismo. Sob esta ótica, o subcontinente era realmente individualizado por alguns como a projeção futura do pan-latinismo e como área geográfica que teria consentido ao regime assumir uma dimensão hemisférica, senão universal. Eis, de fato, com quais palavras um viajante decididamente engajado fechava o seu livro sobre Argentina:

Agora nós erraremos; mas o espírito de Roma, de Mussolini e do Fascismo, a sua vitória mais clamorosa, a hora do seu triunfo definitivo, a afirmação absoluta e certa da sua totalidade e universalidade, não as verás marcadas amanhã pelo quadrante do velho mundo, mas não obstante a doutrina Monroe, e talvez mesmo graças à presença e ao peso dela, pelo [quadrante] do novo [mundo]<sup>141</sup>.

<sup>139</sup> APPELIUS, Mario. *Le isole...*, cit., p. 160.

<sup>140</sup> BERTAGNA, Federica. *La patria di riserva. L'emigrazione fascista in Argentina*. Roma: Donzelli, 2006. pp. 242-243. Apesar disso, os fascistas refugiados na Argentina, no segundo pós-guerra continuaram a invocar a latinidade, tanto que a Confederação dos Combatentes Italianos da América Latina, organização surgida em 1957, falava em uma publicação de 1961, de “missão de civilização européia” em termos de “civilização cristã e, portanto, romana” (*ibidem*, p. 251).

<sup>141</sup> PUCCINI, Mario. *In Argentina*, cit., p. 98.

Porém, o projeto em questão foi derrubado – mesmo admitindo que nunca tivesse registrado qualquer possibilidade de sucesso – pelos eventos bélicos<sup>142</sup>. “A perspectiva da guerra e a própria guerra farão [...] mudar os termos da discussão. Como exemplo desta mudança se pode ler a contraposição nas páginas da revista do ISPI, entre as teses de um partidário da criação de uma Euro-América e as de quem já se «resignou» à existência de uma Pan-América”<sup>143</sup>. Em pleno conflito, mas quando ainda os alinhamentos não estavam claramente definidos, Appellius fez uma bela exortação aos latino-americanos, para que percebessem que os riscos à sua independência política e econômica não vinham do Eixo, mas sim, dos Estados Unidos e das plutocracias britânica e hebraica; mas àquela altura, se tratavam só de palavras, as mesmas palavras que, por outros versos, o jornalista toscano demonstrou saber utilizar de maneira verdadeiramente brilhante pelos microfones do EIAR, para comentar as operações bélicas e “amaldiçoar com veemência os ingleses”<sup>144</sup>. Mas, num e noutro caso, elas foram pronunciadas inutilmente.

### BIBLIOGRAFIA CITADA

- APPELLIUS, Mario. *Le isole del raggio verde* (Cuba, Giamaica, Haiti, Portorico e Piccole Antille). Milano: Alpes, 1929.
- \_\_\_\_\_. *Le terre che tremano* (Guatemala, Salvador, Honduras, Nicaragua, Costarica, Panama). Milão: Alpes, 1929.
- \_\_\_\_\_. *L'aquila di Chapultepec*. Viaggio al Messico. Milão: Alpes, 1930.

<sup>142</sup> Preocupações pela evolução futura das relações com a América Latina estão presentes já no início da Segunda Guerra Mundial em, DE ZUANI, Ettore. Crisi nell'America Latina. *Critica Fascista*. 12, 1939-1940.

<sup>143</sup> SCARZANELLA, Eugenia. TRENTO, Angelo. L'immagine dell'America Latina nel fascismo. In: GIOVAGNOLI, Agostino. DEL ZANNA, Giorgio (org.). *Il mondo visto dall'Italia*. Milão: Guerini e Associati 2004. p. 226. As teses em questão eram as expressas por CANTALUPO, Roberto. L'America e le Americhe. *Storia e Politica Internazionale*. 31 mar. 1941, que enquadrava a guerra como evento que teria necessariamente contraposto uma área católica e humanista aos potentes vizinhos protestantes e maçônicos, (forçando-a a aproximar-se das “raças jovens da Europa” por afinidade de sistemas econômicos e sociais, mas também pela falida complementaridade entre as economias dos dois subcontinentes americanos, presente ao contrário no caso da Europa) e as mais pessimistas para a Itália, expostas por POZZANI, Silvio. *Continentalità o regionalità nell'America Latina* e hospedadas, no mesmo número da revista, que consideravam inevitável que a guerra teria acabado por determinar um alinhamento com Washington e um triunfo do continentalismo pan-americano por motivações econômicas, políticas e ideológicas.

<sup>144</sup> APPELLIUS, Mario. *La guerra dell'Asse e il mondo di domani*. Roma: Filippini 1941.

- \_\_\_\_\_. *Cile e Patagonia*. Milão: Mondadori, 1933.
- \_\_\_\_\_. *La guerra dell'Asse e il mondo di domani*. Roma: Filippini, 1941.
- ARALDI, Vinício. *Il Brasile sotto la presidenza di Getulio Vargas*. Roma: La Filografica, 1939.
- Argentina (L') alla Fiera di Milano. *VLAL* 7, jul/1927
- ARLT, Roberto. *I sette pezzi*. Roma: e/ou 2003
- ASQUINI, Alberto. La missione commerciale italiana nell'America Latina. *Rassegna di Politica Internazionale*. 5, 1936
- BACCI L. Italia e America Latina nei loro rapporti economici e culturali. *Colombo*. 2, 1926
- BALBO, Ítalo. *Stormi in volo sull'oceano*. Milão: Mondadori, 1931
- \_\_\_\_\_. *Stormi d'Italia sul mondo*. Verona: Mondadori, 1934
- Banca (La) Francese e Italiana per l'America del Sud. *VLAL*. 6, jun/1924
- BARTOLOTTI, Domenico. *L'oro verde del Brasile*. Sancasciano Val di Pesa. Società Editrice: Toscana, 1928.
- \_\_\_\_\_. *In Brasile*. Genova: SIAG, 1926.
- \_\_\_\_\_. *Il Brasile meridionale*. Roma: Stock, 1936.
- BELLI, Piero. *Al di là dei mari...*, Firenze: Vallecchi, 1925.
- BERTACCHI, Cosimo. *America in generale ed America andina*. Milão: Vallardi, 1932.
- BERTAGNA, Federica. *La patria di riserva*. L'emigrazione fascista in Argentina. Roma: Donzelli, 2006.
- BERTARELLI, Luigi Vittorio. Per l'espansione del Touring Club Italiano in America Latina. *VLAL* 1, jan/1924
- BOGNETTI, Giorgio. Agli amici lettori dell'America Latina. *VLAL* 12, dez/1932
- BONIFACIO, Gaetano. *Ali vittoriose* (La Crociera Aerea Transatlantica dello Stormo di Italo Balbo). Livorno: Tip. Giusti, 1931.
- BONTEMPELLI, Massimo. *Pezzi di mondo*. Milão: Panorama, 1935.
- BÜRGER, Otto. Una visita a Valdivia ed Osorno. *VLAL*, 1, jan/1927.
- CANTALUPO, Roberto. *Brasile euro-americano*. Milão: ISPI, 1941
- \_\_\_\_\_. L'America e le Americhe. *Storia e Politica Internazionale*, 31 mar/1941
- CARLETTI, Ernesto. *Nel mistero del deserto verde*. Turim: SEI, 1941.
- CARLI MARIO. La colonizzazione italiana nel Rio Grande do Sul. *Le Vie d'Italia e del Mondo*, 7, jul/1934
- CARLOTTO, Giuseppe. *Contributo all'espansione italiana sul mercato latino-americano*, Genova: Il Commercio Italo-Americano, 1935.
- CARRARA, Enrico. *Ventotto porti dell'America Latina tra Atlantico e Pacifico con la Regia Nave Itália*. Turim: Giani, 1925
- CARRAZZONI, André. *Getulio Vargas*. Pádua: CEDAM, 1941
- CASTAGNA, Ugo M. La grande fiera campionaria navigante nell'America Latina. *VLAL* 3, mar/1924
- CASTIGLIONI, Arturo. *Note in margine a un viaggio in América*. Milão: Il Rotary, 1938.
- CERETI, Carlo. *Panamericanismo e diritto internazionale*. Milão: Giuffrè, 1939.

- CIARLANTINI, Franco. *Viaggio in Argentina*. Milão: Alpes, 1929.
- CIPOLLA, Arnaldo. *Nel Sud America*. Lungo il Cile luminoso. Turim: Paravia, 1929.
- \_\_\_\_\_. *Montezuma contro Cristo*. Viaggio nel Messico. Milão: Alpes, 1930.
- CONSOLI, B. Banche argentine, brasiliane e uruguayane. *VLAL* 7, jul/1927.
- CORSELLI, Rodolfo. *La guerra americana della Triplice Alleanza*. Modena: R. Accademia di Fanteria e Cavalleria, 1938.
- COSTA ALBESI, Renato. *La crociera aerea di Italo Balbo*. Roma: Signorile, 1931.
- CUPINI, Ranieri. *Cieli e mari. Le grandi crociere degli idrovolanti italiani (1925-1933)*. Milão: Mursia, 1973.
- DE AGOSTINI, Alberto M. La foresta subantartica o magellanica. *VLAL* 8, ago/1927.
- \_\_\_\_\_. *I miei viaggi nella Terra del Fuoco*. Turim: Paravia, 1928.
- DE MAGISTRIS, Luigi Filippo. *America meridionale*. Milão: Touring Club Italiano, 1934.
- DE PINEDO, Francesco. *Il mio volo attraverso l'Atlantico e le due Americhe*. Milão: Hoepli, 1928.
- DE ZUANI, Ettore. L'Argentina e il fascismo. *Critica Fascista*, 16, 1935-1936.
- \_\_\_\_\_. Crisi nell'America Latina. *Critica Fascista* 12, 1939-1940.
- \_\_\_\_\_. Breve storia delle invasioni inglesi in Argentina. *Nuova Antologia*. 417, 01/set/1941
- DORIA, Gino. *Storia dell'America Latina*. Milão: Hoepli, 1937.
- DUCCI, Gino. *Orientamenti politico-militari degli Stati americani*. Roma: Centro di Studi Americani, 1938.
- ENGELY, G. Tendenze politiche dei paesi d'America. *Critica Fascista*, 16, 1935-1936
- ETZO, Carla. *L'emigrazione italiana in America Latina in una rivista del Touring Club Italiano: Le vie d'Italia e dell'America Latina (1924-1932)*. Napolis: 2001-2002. Monografia. Facoltà di Lingue e Letterature. Università di Napoli "L'Orientale".
- F. G., Un nuovo colosso della marina mercantile italiana. Il «Conte di Savoia». *VLAL* 1, gen/1932.
- F. V. Istituto Medio Italo Brasiliano "Dante Alighieri" di S. Paolo. *VLAL* 1, gen/1927.
- FASSINA, J. H.. Il colono italiano nel Rio Grande do Sul. *VLAL* 5, mai/1927.
- FOÀ, Carlo. *Nazionalismi sudamericani*, Milão, Popolo Italiano 1937.
- FRACCAROLI, Arnaldo. *Buenos Aires*. Milão: Treves, 1931.
- \_\_\_\_\_. *Pampa d'Argentina*. Milão: Treves, 1931.
- \_\_\_\_\_. *Splendori ed ombre del Paraguay*. Milão: Treves, 1932.
- FRANZONI, Ausonio. Italia ed America Latina. *VLAL* 3, mar/1924.
- FRESCURA, Bernardino. *Le Repubbliche del Rio de la Plata: Paraguay, Uruguay, Argentina*. Milão: Treves, 1926.
- GHIGLIONE, Piero. *Dalle Ande all'Himalaya*. Turim: Montes, 1936.

Os viajantes italianos na América Latina durante o período fascista: entre curiosidade e ideologia

- GIANNATTASIO, Valério. «*L'America Latina problema fascista*»: la pubblicistica italiana dal 1925 al 1943. Nápolis: 2004-2005. Facoltà di Scienze Politiche. Università di Napoli "L'Orientale".
- GIURIATI, Giovanni. *La Crociera Italiana nell'America Latina*. Relazione di S. E. Giovanni Giuriati dinnanzi a S. M. il Re. Roma: Istituto Coloniale, 1925.
- GUADAGNINI, Elvio. Estudar a literatura de viagem (e os guias) hoje. In: CAPRARA, Loredana de Stauber e MORDENTE, Olga Alejandra (orgs.). *Brasil e Itália: viajando entre duas culturas*. Estereótipos, mitos e realidade. São Paulo: Lemos, 2000.
- GUARINI, Cleto de'. L'Ospedale Italiano di Montevideo. *VLAL* 5, mai/1930.
- HERZOG Th. Le missioni francescane presso i Guarayos in Bolívia. *VLAL* 6, jun/1927.
- IMPERATORI, Ugo E. Il Circolo Italiano di Buenos Aires. *VLAL* 8, ago/1931
- \_\_\_\_\_. La scuola italiana di Montevideo. *VLAL* 10, out/1931.
- \_\_\_\_\_. *Nell'America Latina*. Roma: Dante Alighieri, 1940.
- Industrie italiane all'estero: la caffetteria Costa a Valparaiso. *VLAL* 2, fev/1931.
- Industrie italiane nel Venezuela: la Casa J. Boccardo & C. *VLAL* 9, set/1926.
- JANSEN, Pietro Gerardo. Italiani di Cartagena. *VLAL* 7, jul/1931.
- \_\_\_\_\_. Italiani nel Guatemala. *VLAL* 12, dez/1932.
- \_\_\_\_\_. Vite avventurose. Milão: Marangoni, 1935.
- LIBRANDO, Gaetano. *America Latina*. Aspetti economici e politica commerciale. 2 vol, Milão: Pecari, 1928-1930.
- LOMBROSO, Ferrero Gina. *Nell'America Meridionale (Brasile, Uruguay, Argentina)*. Milão: Treves, 1908.
- LUALDI, Adriano. *Viaggio musicale nel Sud América*. Milão: Mondadori, 1934.
- MAGRINI, Luciano. In *Brasile*. Turim: Piero Gobetti, 1926.
- MAINERI, B. Quanti passeggeri giungono dall'America nei porti italiani?, *VLAL* 2, fev/1927.
- \_\_\_\_\_. I turisti americani devono valersi di navi italiane. *VLAL* 5, mai/1927.
- \_\_\_\_\_. Le nostre "città galleggianti" ed i passeggeri transatlantici. *VIAL* 2, fev/1931.
- MALESANI, Enrico. *Brasile*. Condizioni economiche e naturali. Roma: Mantegazza, 1929.
- MANCINI, Amerigo. Un nuovo trionfo dell'arte navale italiana. Il transatlantico «Rex». *VIAL* 10, out/1931.
- MANUELLI, Ernesto. *Panamericanismo econômico*. Borgo San Dalmazzo, Istituto Grafico Bertelli, 1939.
- MANZINI, A. Il fumo e la nuvola (Tra le sigaraie italiane al Brasile). *VLAL* 2, fev/1932.
- MARI, Carlo. L'Ospedale Italiano di Buenos Aires. *VLAL* 3, mar/1925.
- MARPICATI, Arturo. Nota alla traduzione italiana. In: CARRAZZONI, André. *Getulio Vargas*. Pádua: CEDAM, 1941.



MASTURZI, Giovanni. *A traverso l'America Latina, il Messico, la California e l'Oceania (Note di viaggio)*. Florença: Istituto Geografico Militare, 1933.

MATTIOLI, Guido. *Roma-Buenos Aires in 45 ore*. Roma: L'Aviazione, 1935.

MICHELI, Augusto. Per un ricordo ai pionieri italiani nel Panamá. *VLAL* 4, abr/1925.

MISEROCCHI, Manlio. *L'America Latina attraverso il mio oblò*. Pistoia: Grazzini, 1925.

MORI, Mario. *Uruguay*. Condizioni naturali ed economiche. Milão: Treves, 1928.

MORINI, Armando. *Venezuela*. Condizioni fisiche ed economiche. Cenni storici e culturali. Roma: Treves, s. d.

NOSARI, Adone. *Ali e vele sull'Atlantico*. Milão: Cecchina, 1931.

PAOLI, Giorgio. Un costruttore italiano al Chile: Felice Corte. *VLAL* 12, dez/1929.

PARMA, Ugo da. Fra le istituzioni di Rio de Janeiro: la Società Italiana di Beneficienza. *VLAL* 10, out/1930.

PASSERA, Gino de'. La crociera nell'America Latina. *Lidel* 5, 1924.

\_\_\_\_\_. Passera Gino de'. Un governo teocratico: i gesuiti in Paraguay. *VLAL* 8, ago/1927

PAVONI, Giacomo. Il nostro lavoro in Argentina. Le braccia. *VLAL* 6, jun/1926.

\_\_\_\_\_. "Pampero" (*Vento delle "pampas"*). Roma: Tiber, 1930.

PELLEGRINI, Aldo. *Comunicazioni aeree tra Italia e América*. Roma: Centro di Studi Americani, 1938.

PENDE, Nicola. *La conquista spirituale dell'America Latina*. Genova: Le Opere e i Giorni, 1931.

PICCARDI, Leopoldo. Roosevelt e l'America Latina. *La Vita Italiana* 264, 1935.

PIERI, Piero. *L'America Latina tra il 1900 e il 1930*. Nápoles: Tipomeccanica, 1934.

Pioniere (Un) italiano in America: Enrico Dell'Acqua e le sue fabbriche. *VLAL* 1, jan/1930.

Por Odon, *Il divenire panamericano*. *Quaderni di Cultura Política* 4, 1941.

POZZANI, Silvio. *Panamerica e spazio orientale asiatico*. Milão: ISPI, 1940.

\_\_\_\_\_. Continentalità o regionalità nell'America Latina. *Storia e Politica Internazionali* 31 mar/1941

PUCCINI, Mario. *In Argentina*. Roma: Dante Alighieri, 1938.

\_\_\_\_\_. *Nel Brasile*. Roma: Dante Alighieri, 1940.

QUARTARA, Giorgio. *Un viaggio nel Sud América*. Milão: Bocca, 1939.

RAMPELLI, Ugo. *Crociera atlantica Italia-Brasile (1930-1931)*. Conseguenze e sviluppi. Modena: S.T.E.M.-Mucchi, 1981.

Rapido (Un) sguardo attraverso l'America Centrale: Italiani e scuole italiane nel Centro America, *VLAL* 9, set/1925.

RAVA, Luigi. Il traffico marittimo di passeggeri dall'estero verso l'Italia nel 1927. *VLAL* 5, mai/1928.

RICCARDI, Riccardo. *L'America meridionale*. Turim: Utet, 1938 (7° volume da *Geografia universale*)

Os viajantes italianos na América Latina durante o período fascista: entre curiosidade e ideologia

- ROCCA, Enrico. *Avventura sudamericana*. Milão: Alpes, 1926.
- ROSSI, Giuseppe. Attività italiane nel Salvador: una famiglia di “fazendieri”. *VLAL* 2, fev/1932
- ROSSI DI MONTELERA, Napoleone. *Dalla Terra del Fuoco alla Terra degli Incas*. Turim: Paravia, 1930.
- ROSSINI, A. C. La crociera aerea transatlantica Italia-Brasile. *VLAL* 2, fev/1931.
- Sartorio 1924. Crociera della Regia Nave “Italia” nell’America Latina. Roma: Istituto Italo-Latino Americano, 1999.
- SCARZANELLA, Eugenia. (organizado por). *Fascisti in Sud América*. Florença: Le Lettere, 2005.
- SCARZANELLA, Eugenia. TRENTO, Angelo. L’immagine dell’America Latina nel fascismo. In: GIOVAGNOLI, Agostino. DEL ZANNA, Giorgio (a cura di). *Il mondo visto dall’Italia*. Milão: Guerini e Associati, 2004.
- SETTIMELLI, Emilio. *La crociera di Balbo: esempi, incitamenti*. Florença: Tip. Giannini e Giovannelli, 1931.
- SILVA, Mario da. Fascismi latinoamericani. *Critica Fascista* 3, 1937-1938.
- SORRENTINO, Lamberti. Le rifrazioni del fascismo in America Latina. *Gerarchia* 10, 1932.
- SPIGA, Carlo. Un grande “fazendiere” italiano in Brasile: Geremia Lunardelli. *VLAL* 8, ago/1930.
- TEGANI, Ulderico. La città navigante. *VLAL* 5, mai/1925.
- \_\_\_\_\_. Il primo viaggio del «Saturnia». *VLAL* 12, dez/1927.
- \_\_\_\_\_. Con l’«Orazio» dall’Oceano Pacifico al Mar Tirreno. *VLAL* 7, jul/1928
- \_\_\_\_\_. Ritorno dall’America. *VLAL* 7, jul/1928
- \_\_\_\_\_. Antonio Jannuzzi, l’italiano che ha costruito mezza Rio de Janeiro. *VLAL* 11, nov. 1928
- \_\_\_\_\_. La colonia Regina. Iniziative italiane in Argentina. *VLAL* 4, abr/1930
- \_\_\_\_\_. Il gigante italiano dell’industria brasiliana: Matarazzo. *VIAL* 6, jul/1930
- TERRAZZI, Regina. *Crociera sentimentale Trieste-Buenos Aires*. Milão: Popolo Italiano, 1936.
- Tessitore (Un) biellese a La Paz: Emilio Forno. *VLAL* 4, abr/1930.
- TESTENA, Folco. *Arrembaggio alle Malvine*. Roma: Gnutti, 1943.
- TIRAFERRI, Emidio. *Riflessi di civiltà romana in Argentina*. Milão: Corbaccio, 1939.
- TOMASELLI, Cesco. De Pinedo nel cielo delle Americhe. *VLAL* 3, mar/1928.
- TRENTO, Angelo. *Do outro lado do Atlântico: um século de imigração italiana no Brasil*. São Paulo: Nobel, 1989.
- \_\_\_\_\_. L’immagine di São Paulo come città italiana (1890-1920). In: GIORCELLI, Cristina. CATTARULLA, Camilla. SCACCHI, Anna. (organizado por). *Città reali e immaginarie del continente americano*. Roma: Edizioni Associate, 1998.

- \_\_\_\_\_. I Fasci in Brasile. In: FRANZINA, Emilio. SANFILIPPO, Matteo. (organizado por). *Il fascismo e gli emigrati*. La parabola dei fasci italiani all'estero (1920-1943). Roma-Bari: Laterza, 2003, pp. 152-166.
- \_\_\_\_\_. La Cuba di Mario Appellius: geopolitica, immigrazione italiana e fascismo. In: CAPOLONGO, Domenico (organizado por). *Emigrazione e presenza italiana in Cuba*, vol. IV. Roccarainola: Circolo Culturale B. G. Duns Scoto, 2005.
- TURCHI, Giuseppe. *Memorie per una linea regolare e diretta tra Italia e Nord-Brasile*. Rimini, s. e. 1930.
- UMILTÀ, Carlo. Gli italiani dell'era fascista nell'America Latina. *Gerarchia* 3, 1929.
- VANGELISTA, Chiara. La terra inenarrabile. Impressioni e immagini della foresta latinoamericana in una rivista del Touring (1924-1932). *Movimento Operaio e Socialista* 2, 1986
- VERNASSA, Maurizio. Una crociera di propaganda. *Politica Internazionale* 1-2, 1999.
- VILLA, Oreste. *L'America Latina problema fascista*. Roma: Tip. Europa, 1933.
- VILLARI, Luigi. *Le aggressioni degli Stati Uniti all'America Latina*. Roma: Cristoforo Colombo, 1941.
- VOLPE, Gioacchino. *Le relazioni politiche, economiche e spirituali tra Italia e America Latina*. Milão: ISPI, 1936.
- ZAMBARELLI, Luigi. *Da Genova a S. Salvador (note di viaggio)*. Roma: Officina Tipografica Romana Buona Stampa, 1931.
- ZANATTA, Loris. I Fasci in Argentina negli anni Trenta. In: FRANZINA, Emilio. SANFILIPPO, Matteo (organizado por). *Il fascismo e gli emigrati*. La parabola dei fasci italiani all'estero (1920-1943). Roma-Bari: Laterza, 2003. pp. 140-151.
- ZAPPA, Paolo. *I cercatori di diamanti*. Milão: Corbaccio, 1933.
- ZOLI, Corrado. *Sud America*. Note e impressioni di viaggio. Roma: Sindacato Italiano Arti Grafiche, 1927.
- ZUCULIN, Bruno. L'Ospedale Italiano Umberto I a San Paolo. *VLAL* 1, jan/1926.
- \_\_\_\_\_. Il trionfale volo di De Pinedo sulle acque e le terre dell'America Latina. *VLAL* 5, mai/1927.

### Notas de Tradução

pág. 107:

**VIAL** sigla de (*Le Vie d'Italia e dell'America Latina*), Os Caminhos da Itália e da América Latina.

Pág. 128:

**Tios da América**: O tio imigrado para a América do qual se receberá ou se espera de receber uma enorme herança.

pág. 131:

**Eia eia alala**: grito de ovação dos nazistas e incitação usada pelos fascistas.

Os viajantes italianos na América Latina durante o período fascista: entre curiosidade e ideologia

Locus: revista de história, Juiz de Fora, v. 14, n. 2, p. 105-148, 2008

pág. 135:

**Duce:** 1) guia, chefe, condutor; 2) Título dado a Benitto Mussolini (1883-1945) após a marcha sobre Roma como chefe do Fascismo. Do latim: ducere – conduzir

Dichiaro che la presente traduzione è corretta e fedele.

Juiz de Fora, 22 novembre 2008.

.....

Marcia Rosestolato Rezende

(Traduttrice. Reg. N. 4067/98-CILS III – UNISTRA, Siena)

marcia.rosestolato@uff.edu.br

Revisão de Marcos Olender